

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

TATIANE BRANCHELLI ROSA

**ESTUDO DAS HABILIDADES INFORMACIONAIS DOS USUÁRIOS DA  
BIBLIOTECA DO COLÉGIO DOM BOSCO DE PORTO ALEGRE**

Porto Alegre

2016

TATIANE BRANCHELLI ROSA

**ESTUDO DAS HABILIDADES INFORMACIONAIS DOS USUÁRIOS DA  
BIBLIOTECA DO COLÉGIO DOM BOSCO DE PORTO ALEGRE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Maria Mielniczuk de Moura.

Coorientadora: Daiane Barrili dos Santos.

Porto Alegre

2016

## **UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**Reitor:** Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

**Vice-Reitora:** Prof<sup>a</sup>.Dr<sup>a</sup>. Jane Fraga Tutikian

## **FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**

**Direção:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Maria Mielniczuk de Moura

**Vice-Direção:** Prof. Dr. André Iribure Rodrigues

## **DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO**

**Chefe:** Prof. Dr. Moisés Rockembach

**Chefe Substituto:** Prof. Dr. Valdir José Morigi

## **COMISSÃO DE GRADUAÇÃO/BIBLIOTECONOMIA**

**Chefe:** Prof. Dr. Rodrigo Silva Caxias de Sousa

**Chefe Substituto:** Prof. Dr. Jackson da Silva Medeiros

R788e Rosa, Tatiane Branchelli

Estudo das habilidades informacionais dos usuários da biblioteca do Colégio Dom Bosco de Porto Alegre / Tatiane Branchelli Rosa. -- 2016.

81 f., il.

Orientadora: Ana Maria Mielniczuk de Moura.

Coorientadora: Daiane Barrili dos Santos.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Biblioteconomia, Porto Alegre, 2016.

1. Avaliação de habilidades informacionais. 2. Educação de usuários. 3. Biblioteca escolar. I.Moura, Ana Maria Mielniczuk de, II. Santos, Daiane Barrili dos, III. Título.

CDU – 027.8

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705 – Bairro Santana

CEP: 90035-007 - Porto Alegre, RS

Tel: (51) 3308-5067 / Fax: (51) 3308-5435

E-mail: dci@ufrgs.br

TATIANE BRANCHELLI ROSA

**ESTUDO DAS HABILIDADES INFORMACIONAIS DOS USUÁRIOS DA  
BIBLIOTECA DO COLÉGIO DOM BOSCO DE PORTO ALEGRE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Biblioteconomia.

Examinado em: 06 de dezembro de 2016.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Maria Mielniczuk de Moura  
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação - UFRGS  
(Orientadora)

---

Bacharela Daiane Barrili dos Santos  
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação – UFRGS  
(Coorientadora)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rita do Carmo Ferreira Laipelt  
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação – UFRGS  
(Examinadora)

---

Bacharela Ana Paula Medeiros Magnus  
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação - UFRGS  
(Examinadora)

*Aos meus pais,  
meus amores,  
vida longa e próspera.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por tudo.

Obrigada por ter uma família que me ama, apoia e acredita nas minhas capacidades. Obrigada aos meus pais pelo apoio constante. Pela paciência. Pelos abraços demorados que sempre me acalmam.

Agradeço aos mestres que compartilharam seus conhecimentos e com as mais belas intenções me ensinaram que de nada adiantaria me formar para trabalhar sem as ideias utópicas que nos impulsionam para as mudanças.

Obrigada à minha orientadora que me encontrou meio perdida no início do ano e conseguiu me encaminhar. Obrigada pelo acompanhamento, pela paciência e pelas dicas da minha coorientadora. Obrigada às queridas Rita e Ana Paula por aceitarem prontamente meu convite para participar da banca examinadora.

Agradeço aos Salesianos que me receberam quando eu não tinha experiência nenhuma com bibliotecas e que me acolheram com muito carinho. Meus chefes, meus colegas, do Colégio e da Faculdade: com todos vocês eu aprendi e por isto serei sempre grata. Não posso deixar de agradecê-los pelo apoio, incentivo e reconhecimento, pela paciência e compreensão em momentos difíceis.

Em especial, às meninas da Biblioteca Dom Bosco, com todo carinho.

Obrigada aos amigos que acreditaram que tudo daria certo.

Obrigada às amigas que conseguiram enxergar uma bibliotecária em mim quando eu ainda não conseguia.

Obrigada a minha afilhada Francina por existir. A dinda te ama.

Obrigada aos meus gatinhos, que em meio a tanta confusão, me distraíam me trazendo alegria e paz. Obrigada Deus por colocar a minha Nininha, minha Coloridinha, na minha vida, por não ter permitido que ela sofresse mais e me ajudar a amadurecer, aprendendo a aceitar o destino.

Obrigada aos que de alguma forma ajudaram ouvindo, opinando, incentivando, elogiando, criticando e trazendo leveza sempre que precisei.

Meu grande agradecimento é pelo ensinamento constante que recebo dos meus pais de que sempre há esperança e de que não importa o que aconteça, na nossa família existe amor, e com a força dele, *tudo* pode ser superado.

Amo vocês. Tenho orgulho de vocês.

*“Uma educação eficaz apoia-se inteiramente  
na razão, na religião e na bondade. ”*

*(Bosco, João, Santo, 1815-1888)*

## RESUMO

A biblioteca escolar tem papel fundamental na educação de seus usuários, tanto para a aprendizagem dentro do ambiente escolar quanto para prepará-los para a sociedade. A bibliotecária norte-americana Carol Kuhlthau criou um programa de atividades para o desenvolvimento de habilidades informacionais que possui fases de crescente complexidade. Este estudo qualitativo tem por objetivo relacionar as atividades e as habilidades da Fase 1, Etapa 1 do programa de Kuhlthau com as atividades realizadas e com habilidades adquiridas pelos alunos do 1º ano do ensino fundamental do Colégio Dom Bosco de Porto Alegre. Os dados do estudo foram coletados através de observação, da realização de um grupo focal e da análise do plano de ensino do 1º ano do colégio. Os resultados indicam que os sujeitos de estudo estão desenvolvendo as habilidades informacionais definidas por Kuhlthau para esta fase, com algumas lacunas, que podem ser preenchidas com o trabalho em conjunto dos educadores. Ao final sugere-se à biblioteca a criação, junto aos professores, de um programa contínuo de educação de usuários, que esteja de acordo com a proposta pedagógica da Instituição e que a implantação deste programa possua avaliações periódicas a fim de se manter atualizado. Com isto, o objetivo de tornar os usuários competentes em informação poderá ser atingido de maneira adequada, com a crescente complexidade das habilidades informacionais estando equiparada com as habilidades adquiridas, de acordo não só com a faixa etária, mas também com as capacidades de aprendizagem dos usuários sendo respeitadas individualmente.

**Palavras-chave:** Avaliação de habilidades informacionais. Educação de usuários. Biblioteca escolar.



## **ABSTRACT**

The school library plays a fundamental role in educating its users, both for learning within the school environment and for preparing them for society. The north-american librarian Carol Kuhlthau has created a program of activities for the development of informational skills that has phases of increasing complexity. This qualitative study aims to relate the activities and skills of Phase 1, Stage 1 of the Kuhlthau program to the activities performed and with skills acquired by the students of the first year of elementary school at the Colégio Dom Bosco de Porto Alegre. The data of the study were collected through observation, the accomplishment of a focus group and the analysis of the teaching plan of the 1st year of the school. The results indicate that the subjects of study are developing the informational skills defined by Kuhlthau for this phase, with some gaps, that can be fulfilled with the work of the educators together. At the end, it's suggested to the library to create, together with the teachers, a continuous program of user education that is in accordance with the pedagogical proposal of the Institution and that the implementation of this program has periodic evaluations in order to keep updated. With this, the goal of making the users competent in information can be reached in an adequate way, with the increasing complexity of the informational abilities being assimilated with the acquired abilities, according not only with the age group, but also with the learning capacities of the users being individually respected.

**Keywords:** Informational skills evaluation. User education. School library.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – Entrada da Biblioteca Infantil.....	22
<b>Figura 2</b> – Biblioteca Infantil .....	23
<b>Figura 3</b> – Tabela de cores.....	52

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Fases e etapas do programa .....	34
<b>Quadro 2</b> – Lista de habilidades .....	39
<b>Quadro 3</b> – Atividades do plano do Colégio .....	60
<b>Quadro 4</b> – Habilidades desenvolvidas no plano do Colégio .....	62
<b>Quadro 5</b> – Comparação de habilidades informacionais .....	64

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
1.1	PROBLEMA DE PESQUISA.....	14
1.2	JUSTIFICATIVA.....	14
1.3	OBJETIVOS.....	16
1.3.1	Objetivo geral.....	16
1.3.2	Objetivos específicos.....	16
1.4	CONTEXTO DO ESTUDO.....	16
1.4.1	Colégio Salesiano Dom Bosco de Porto Alegre.....	18
1.4.2	A biblioteca Dom Bosco.....	20
<b>2</b>	<b>REVISÃO DA LITERATURA.....</b>	<b>24</b>
2.1	BIBLIOTECA ESCOLAR NA EDUCAÇÃO .....	24
2.2	EDUCAÇÃO DE USUÁRIOS .....	26
2.3	COMPETÊNCIA INFORMACIONAL.....	29
2.4	O PROGRAMA DE KUHLTHAU.....	32
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>35</b>
3.1	TIPO DE ESTUDO .....	35
3.2	ABORDAGEM DE ESTUDO.....	35
3.3	OBJETIVO DE ESTUDO .....	36
3.4	PROCEDIMENTO DE ESTUDO.....	36
3.5	SUJEITOS DE ESTUDO .....	36
3.6	TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS.....	37
3.7	TRATAMENTO DE DADOS .....	38
<b>4</b>	<b>APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>41</b>
4.1	OBSERVAÇÃO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS .....	41
4.1.1	Análise da observação de acordo com as habilidades de Kuhlthau .....	43
4.2	GRUPO FOCAL.....	45
4.2.1	Grupo focal: habilidades de localização .....	46
4.2.1.1	<i>Arranjo da coleção.....</i>	<i>46</i>
4.2.2	Grupo focal: habilidades de interpretação .....	49
4.2.2.1	<i>Técnicas de avaliação e seleção .....</i>	<i>49</i>
4.2.2.2	<i>Ver, ouvir e interagir .....</i>	<i>52</i>

4.2.2.3	<i>Apreciação literária</i> .....	56
4.3	PLANO DE ENSINO .....	59
4.3.1	Relação das atividades .....	60
4.3.2	Relação das habilidades .....	62
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>67</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>70</b>
	<b>APÊNDICE A – Autorização da pesquisa</b> .....	<b>74</b>
	<b>APÊNDICE B – Termo de consentimento</b> .....	<b>75</b>
	<b>APÊNDICE C – Grupo focal</b> .....	<b>77</b>
	<b>ANEXO A – Plano anual de letramento</b> .....	<b>78</b>
	<b>ANEXO B – Exemplo de planejamento semanal</b> .....	<b>80</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O serviço de busca pela informação intensifica-se com os ainda recentes avanços tecnológicos e a sociedade da informação passa por constantes mudanças de comportamento de pesquisa, o que faz a comunidade bibliotecária procurar ajustar-se continuamente ao fluxo crescente de informações e às novas demandas dos usuários. O avanço da tecnologia nos trouxe para a era da informática e as pesquisas em sua maioria são automatizadas ou estão evoluindo para tal. As publicações que outrora eram de difícil acesso e corriam o risco de serem publicadas já desatualizadas, hoje são disponibilizadas na internet com muito mais rapidez, com constantes atualizações e geram uma quantidade muito maior de dados disponíveis para pesquisa. Os benefícios são muitos, mas uma das principais consequências é a dificuldade que os usuários encontram atualmente para filtrar a quantidade de respostas que existem para suas questões.

É necessário que os usuários saibam onde e como pesquisar, saibam reconhecer fontes confiáveis de informação e também saibam expressar suas questões. Para tanto, a biblioteca deve exercer seu papel de mediadora da informação e também sua função social e educadora, investindo na instrução de seus usuários, para que estes aprendam a trabalhar de forma eficiente em um ambiente de pesquisa, seja este físico ou virtual.

A percepção dos bibliotecários sobre os novos rumos da informação e sobre o novo comportamento dos usuários, com suas novas dificuldades e facilidades, deu início à uma jornada, ainda em curso, que pretende avançar com a competência informacional em seus diferentes níveis de complexidade. A competência informacional abrange habilidades de pesquisa dos usuários, desde o processo de busca pela informação até a sua interpretação e comunicação.

As habilidades informacionais devem ser estimuladas e aprendidas na biblioteca escolar para que os usuários se familiarizem com os ambientes de pesquisa a que podem recorrer quando for preciso, seja na infância ou na adolescência, e para que possam levar este aprendizado para a vida adulta.

Nos Estados Unidos há educadores que estão inserindo essas habilidades em programas destinados a desenvolvê-las a partir das séries iniciais do ensino fundamental até o final do ensino médio. Os bibliotecários se fazem presentes nesses programas, trabalhando em conjunto com os professores para motivar,

orientar, acompanhar e guiar os usuários no desenvolvimento das habilidades informacionais (CAMPELLO, 2005).

Neste estudo serão avaliadas as habilidades informacionais de alunos das séries iniciais do ensino fundamental do Colégio Salesiano Dom Bosco de Porto Alegre, de acordo com o modelo de desenvolvimento de habilidades informacionais criado pela bibliotecária norte-americana Carol Kuhlthau.

### 1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

De que forma as atividades de educação de usuários realizadas junto aos alunos do 1º ano do Colégio Dom Bosco de Porto Alegre estão relacionadas com a proposta de atividades para o desenvolvimento das habilidades informacionais de Carol Kuhlthau?

### 1.2 JUSTIFICATIVA

Quando se discutia a capacitação de usuários, pensávamos logo em uma aprendizagem que envolvesse a busca em catálogos, em bases de dados ou ainda o aprendizado dos usuários em encontrar um material nas estantes, o que ficaria sob responsabilidade de um bibliotecário de referência. Com tecnologias à disposição do trabalho biblioteconômico e a nova visão do bibliotecário como educador, o cenário do que se chamava treinamento de usuários está modificando-se. São novos termos, novas formas de tratar os usuários e novos objetivos, ampliando sua concepção para a educação de usuários, e abrindo espaço para o trabalho em conjunto com professores, proporcionando a formação de cidadãos que apreciem a literatura e que sejam capacitados à pesquisa.

A biblioteca escolar é um espaço de aprendizagem que auxilia na formação de cidadãos que, quando adolescentes ou adultos, perceberão a importância do que aprenderam na vida escolar ao precisarem encontrar informações corretas, completas, de fontes confiáveis, para suprir as suas novas demandas por informação, seja no trabalho, na vida acadêmica ou no dia-a-dia.

É necessário que a biblioteca conheça seus usuários para um atendimento eficiente às suas necessidades; tanto quanto é necessário que os usuários

aprendam como a biblioteca pode atender suas necessidades, no ideal de uma educação contínua, iniciada ainda na infância. Essa educação realizada a partir de atividades sequenciais planejadas e executadas por educadores que conheçam a realidade com que trabalham e saibam flexibilizar e adaptar estas atividades a ela, trará benefícios para a sociedade, ao formar cidadãos capazes de quebrar as barreiras de acesso ao conhecimento, influenciando positivamente o futuro da produção científica dos usuários.

Os usuários geralmente são introduzidos no mundo da pesquisa a partir de seus primeiros contatos com a escola, mais especificamente dentro da biblioteca escolar. Diante disto devemos pensar em ações que unifiquem nesses primeiros contatos a biblioteca e a educação, ou os bibliotecários e os professores, planejando um ensino voltado para a aprendizagem de habilidades que serão acrescidas ao longo da vida, de acordo com a capacidade de desenvolvimento requerida por cada fase.

A competência informacional é objeto de pesquisa no mundo, tendo Carol Kuhlthau, uma bibliotecária norte-americana, sido reconhecida como referência ao tratar do assunto. Carol Kuhlthau propõe um programa que vem destacando-se em estudos realizados no Brasil, tendo sido traduzido e adaptado para a nossa realidade por um grupo de pesquisadores da Escola de Ciências da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. O programa possui métodos para o desenvolvimento de habilidades, que compõem a competência informacional, a serem executados dentro do ambiente da biblioteca escolar.

As atividades propostas por Carol Kuhlthau são um conjunto que se propõe a modificar o modelo de comportamento de pesquisa dos usuários, melhorar sua interação com as bibliotecas e com outros ambientes de pesquisa, ao desenvolver habilidades informacionais, que em seus diferentes níveis de complexidade, formarão cidadãos capazes de interagir com a sociedade da informação de forma eficiente.

Pensando nos primeiros contatos de um usuário com a biblioteca, considerou-se, portanto, a primeira etapa do programa. As crianças devem ser conduzidas de forma a se interessar com curiosidade acerca do que a biblioteca oferece. Curiosidade pela leitura, pela busca de informações, pelo conhecimento que pode ser adquirido e que tem o poder de transformar e prepará-las melhor para enfrentar o mundo.



Neste contexto, o Colégio Salesiano Dom Bosco de Porto Alegre foi escolhido para este estudo por fazer parte da conhecida mundialmente Rede Salesiana de Escolas, por ser um colégio tradicional de Porto Alegre e pela proximidade da graduanda com o ambiente, por ter sido estagiária e hoje estar atuando como auxiliar de biblioteca.

### 1.3 OBJETIVOS

A seguir são descritos o objetivo geral e os objetivos específicos desta pesquisa.

#### 1.3.1 Objetivo geral

Analisar as atividades de educação de usuários realizadas na biblioteca do Colégio Dom Bosco de Porto Alegre à luz do programa de desenvolvimento de habilidades informacionais proposto por Carol Kuhlthau.

#### 1.3.2 Objetivos específicos

- a) identificar as atividades de educação de usuários realizadas na biblioteca;
- b) relacionar as atividades de letramento realizadas junto aos alunos com as atividades propostas por Carol Kuhlthau;
- c) comparar as observações realizadas sobre as habilidades desenvolvidas pelos alunos com as habilidades que deveriam ser adquiridas de acordo com Carol Kuhlthau.

### 1.4 CONTEXTO DO ESTUDO

São João Bosco (1815-1888) é um dos grandes benfeitores da humanidade. Nascido no meio rural, no norte da Itália, o sacerdote criou o movimento salesiano - homenagem a São Francisco de Sales - que, além de se colocar na vanguarda da

educação do Século XIX, se perpetuou e ampliou seu raio de ação para cinco continentes em 132 países.

Atualmente a Congregação Salesiana<sup>1</sup> é a maior instituição missionária da Igreja Católica e a segunda maior Congregação religiosa no mundo. No Brasil, os salesianos em 1883 fundaram, em Niterói, sua primeira obra: o Colégio Salesiano Santa Rosa. Atualmente a Congregação é organizada em seis inspetorias dos Salesianos de Dom Bosco (SDB) e nove Inspeções das Filhas de Maria Auxiliadora (FMA). Mantém no país 100 instituições de ensino fundamental e médio, com aproximadamente 90 mil alunos e 4 mil educadores, 10 grandes universidades e centros universitários, oferecendo mais de 100 cursos e desenvolve uma ampla rede de obras sociais e de formação profissional.

Canonizado em 1934 pelo Papa Pio XI e aclamado pelo Papa João Paulo II como o "Pai e mestre da juventude", São João Bosco criou um sistema pedagógico que se mantém atual e é a tônica das obras salesianas no mundo.

São João Bosco deixou, dentre outros, a herança da educação pelo Sistema Preventivo aos salesianos, seus seguidores, que surgiram na Itália e que hoje estão espalhados pelo mundo.

Uma das coisas que mais impressiona na missão salesiana é a capacidade de inculturação nos diversos contextos e ambientes. Em todos os lugares onde os missionários salesianos chegaram, foram capazes de suscitar salesianos autóctones e um vasto movimento de pessoas para levar para a frente o carisma e a missão salesiana. (SANDRINI, 2011, p. 21).

Segundo Moser (2013) os salesianos trabalham especialmente com a educação de jovens, tendo como princípios norteadores a religião, a razão e a *amorevolezza*<sup>2</sup> trabalhadas em conjunto. A educação de nada vale se for baseada apenas na razão, apenas na religião ou apenas na *amorevolezza*. Por isto estas três características são trabalhadas em conjunto na formação de cidadãos de bem. Vale ressaltar que um aspecto importante da educação, de acordo com os salesianos, é a presença do pátio na escola. Na visão salesiana é necessário que os jovens interajam, se conheçam e respeitem suas diferenças, preparando-se para a vida em sociedade.

---

<sup>1</sup> Informações disponíveis em: <<http://www.salesianos.br/institucional/nosso-fundador/>>. Acesso em: 04 out. 2016.

<sup>2</sup> Termo italiano, sem tradução literal para o português, que indica carinho e amabilidade e remete ao acolhimento e à afetividade.

Os salesianos possuem diversas obras pelo mundo. Estão presentes em Porto Alegre com instituições como a Casa do Pequeno Operário, que prepara jovens carentes para o mercado de trabalho, a Faculdade Dom Bosco de Porto Alegre, instituição de ensino superior privada onde a graduanda trabalha desde 2008, o Colégio Salesiano Dom Bosco e a Paróquia São João Bosco.

De acordo com a Inspeção São João Bosco<sup>3</sup>

Há oito regiões, com 89 inspeções em todo o mundo. São milhões de jovens, atendidos todos os dias em obras sociais, escolas, universidades, missões e paróquias. Um gigantesco movimento de pessoas que promovem a educação, a assistência social e a evangelização da juventude em todo o mundo. A Congregação Salesiana é atualmente a maior instituição missionária da Igreja Católica. Destaca-se também como a segunda maior Congregação Religiosa do mundo. A família salesiana tem cerca de 400.000 membros. Ela consiste em 30 grupos diferentes, que vêm surgindo ao longo dos anos, e que têm tido a inspiração do sistema e do carisma de Dom Bosco.

A região que compreende o sul do Brasil, com Congregações no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e no Paraná, é administrada pela Inspeção São Pio X, que em Porto Alegre localiza-se na Av. Coronel Lucas de Oliveira, 845, bairro Monserrat.

#### 1.4.1 Colégio Salesiano Dom Bosco de Porto Alegre

O Colégio Salesiano Dom Bosco de Porto Alegre faz parte da Congregação Salesiana que está espalhada por mais de 132 países. De acordo com o Colégio Dom Bosco (2012), a sua história começa em 1942 com a chegada a Porto Alegre do padre José Massimi, que lutou muito pela construção do colégio, e após 10 anos, em 19 de março de 1952, a instituição foi inaugurada ainda que de maneira precária, por ainda estar incompleta. Sua sede nunca foi alterada, localizando-se na Rua Dr. Eduardo Chartier, nº 360, bairro Higienópolis.

Em seu primeiro ano, o colégio tinha 125 alunos matriculados e todos tinham iniciação em algum ofício, tais como fabricação de brinquedos, sapataria, tipografia, marcenaria ou cerâmica. De 1952 a 1962 o colégio trabalhou apenas com o curso primário (do 1º ao 5º ano).

---

<sup>3</sup> Informações disponíveis em: <<http://www.salesianos.br/institucional/salesianos-no-mundo/>>. Acesso em: 27 ago. 2016.

Em 1970 foi implantado o Ginásio e em 1975 o colégio passou a aceitar alunos do 2º grau. A formação se dava em técnico em contabilidade ou em técnico em secretariado, pois a intenção era sempre de encaminhar os jovens para o mundo do trabalho. Em 1980 foi implantada a habilitação de auxiliar de laboratório de análises químicas e em 1983 foi inaugurada a pré-escola.

O curso de secretariado foi desativado em 1986 e aberto o curso de magistério. Em 1995 teve início o curso básico (atual ensino médio), e os cursos profissionalizantes foram encerrados.

Buscando adequar-se às novas exigências administrativas e de mercado, o colégio iniciou em 2000 a implantação do planejamento e gestão estratégicos. Tal decisão conduziu a direção e os educadores a uma reflexão sobre o posicionamento da instituição no contexto educacional da cidade e da Região Metropolitana de Porto Alegre. A partir de 2005 o colégio começou a fazer parte da Rede Salesiana de Escolas, com um novo projeto pedagógico adequado às novas tendências educacionais brasileiras.

Em 2010 se desenvolveu o Curso Técnico de Impressão Gráfica, devidamente aprovado pelo Conselho Estadual de Educação. O curso totalmente gratuito é destinado a jovens que estejam cursando o 2º ou 3º ano do ensino médio e que estejam em situação de vulnerabilidade social. O curso conta hoje com 55 alunos matriculadas.

O Colégio Salesiano Dom Bosco trabalha com educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e com o Curso Técnico de Impressão Gráfica.

Atualmente conta com um quadro de 1060 alunos matriculados, dos quais:

- a) 101 são do ensino infantil;
- b) no ensino fundamental I: 94 são do 1º ano; 76 do 2º ano; 77 do 3º ano; 85 do 4º ano e 80 do 5º ano;
- c) no ensino fundamental II: 91 são do 6º ano; 85 do 7º ano; 105 do 8º ano; 61 do 9º ano;
- d) no ensino médio: 94 são do 1º ano; 60 do 2º ano e 51 do 3º ano.

A Instituição possui os seguintes princípios de missão, visão e valores<sup>4</sup>:

- a) **missão**: promover educação de excelência, à luz do Sistema Preventivo de Dom Bosco, para o desenvolvimento integral do aprendente;
- b) **visão**: ser uma Instituição crescente e de referência na educação e evangelização dos jovens, com uma gestão competente na vivência do carisma Salesiano;
- c) **valores**: seguimento de Jesus Cristo; Sistema Preventivo; vida comum e fraterna; solidariedade; formação continuada; inovação e competência.

Dentre as características de educação do Colégio Salesiano Dom Bosco<sup>5</sup>, destaca-se a Instituição como uma instância crítica de criação e divulgação da cultura, e produtora de conhecimento, que defende todas as formas de valorização da vida, através do fortalecimento da cultura da paz, da solidariedade e do respeito às diferenças, trabalhando com a inclusão social.

É importante ressaltar que o Colégio Salesiano Dom Bosco considera o aluno como centro de todo o processo educativo e o vê como pessoa em constante processo de aprendizagem e aperfeiçoamento.

#### 1.4.2 A biblioteca Dom Bosco

A biblioteca do Colégio Dom Bosco atende também à Faculdade Dom Bosco de Porto Alegre. Segundo informações obtidas em seu site<sup>6</sup>, a faculdade foi fundada em 2002 e oferece os cursos de graduação em Administração, Ciências Contábeis, Engenharia Ambiental e Sanitária, Direito e Sistemas de Informação, além dos cursos de pós-graduação em Governança Corporativa com Normas Contábeis e de Auditoria (MBA) ou Psicologia do Trânsito (Especialização Latu Sensu). A Faculdade Dom Bosco também é polo em Porto Alegre da Universidade Católica de Brasília

---

<sup>4</sup> Informações disponíveis em: <<http://www.colegiodobosco.net/novo/institucional-detalhes.php?id=3>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

<sup>5</sup> Institucional, características. Disponível em: <<http://www.colegiodobosco.net/novo/institucional-detalhes.php?id=10>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

<sup>6</sup> Informações disponíveis em <<http://faculdade.dombosco.net>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

(UCB), de Brasília/DF e da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), de Campo Grande/MS.

A biblioteca<sup>7</sup> possui aproximadamente 1000m<sup>2</sup> divididos entre biblioteca infantil, biblioteca escolar, biblioteca universitária, dois setores de atendimento, setor de processamento técnico, hemeroteca, dois terminais de pesquisa, mesas e salas de estudo.

Entre livros, periódicos, CDs, DVDs, teses, dissertações e trabalhos de conclusão de curso, o acervo da biblioteca tem um total aproximado de 70 mil exemplares, sendo 37 mil do acervo da faculdade e 33 mil exemplares do acervo do colégio, dentre os quais 7,5 mil são livros de literatura infantil, infanto-juvenil e juvenil.

A biblioteca possui no seu quadro cinco funcionárias: uma bibliotecária e uma auxiliar que atuam nos turnos tarde e noite, três auxiliares que atuam nos turnos manhã e tarde.

A bibliotecária Maria José Coelho Perez (CRB/10-786) trabalha no Colégio Dom Bosco há 30 anos. A auxiliar Andréia, é formada no Curso Técnico de Biblioteconomia e trabalha na biblioteca há 4 anos; a auxiliar Desirée, está concluindo sua formação no mesmo curso e trabalha na biblioteca há 3 anos; a auxiliar Elenara agrega experiência à equipe por trabalhar na biblioteca há 20 anos; a auxiliar Tatiane, está concluindo sua formação no Curso de Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e trabalha na biblioteca há 4 anos.

A biblioteca conta ainda com duas estagiárias contratadas pela faculdade, que atuam à noite, a Gisele que também está concluindo sua formação em biblioteconomia pela UFRGS e a Elisa, que cursa Biblioteconomia à distância pela Universidade de Caxias do Sul (UCS).

O horário geral de funcionamento da biblioteca é de segunda à sexta das 7h20min às 22h30min e sábados das 8h às 12h, mas a biblioteca infantil encerra suas atividades às 18h de segunda à sexta-feira, por iniciar o período de atendimento ao público da faculdade, e não funciona aos sábados por não ser dia letivo no colégio.

---

<sup>7</sup> Informações disponíveis em: <<http://www.colegiodombosco.net/novo/setores-detalmes.php?id=5>>. Acesso em 16 jun. 2016.

O software de automação de bibliotecas utilizado é o *Pergamum*, versão *Web*. As informações sobre o acervo da biblioteca foram obtidas a partir de relatórios gerados por este sistema.

A biblioteca infantil (Figuras 1 e 2) possui 62m<sup>2</sup>. Neste espaço existe um tatame colorido para que as crianças possam sentar, contar e ouvir histórias; além de mesas e cadeiras de tamanho apropriado para os pequenos.

Os livros estão classificados de acordo com a faixa etária, indicada na primeira fita na lombada do livro, que também corresponde à cor da estante onde fica localizado.

As cores da bandeira do Rio Grande do Sul inspiraram a pintura das estantes, do tatame e da indicação de faixa etária da literatura, sendo:

- a) verde para literatura infantil;
- b) amarela para literatura infanto-juvenil;
- c) vermelha para literatura juvenil.

**Figura 1** – Entrada da Biblioteca Infantil



Fonte: ROSA (2016)

**Figura 2 – Biblioteca Infantil**

Fonte: ROSA (2016)

A segunda fita da lombada refere-se ao *Cutter* do autor ou do título, e a sua cor é determinada a partir de uma tabela criada pela bibliotecária, o que facilita o trabalho de encontrar um livro específico nas estantes.

Na biblioteca infantil, os alunos podem retirar até 3 livros com prazo de devolução de 15 dias úteis, que pode ser renovado. Além do carimbo na ficha de devolução que fica anexada à última página do livro, o aluno (ou o responsável, de acordo com o cadastro feito na secretaria do colégio) recebe um e-mail com recibo de empréstimo, contendo a data e o horário do material retirado, juntamente com a data prevista de devolução e o nome da atendente que efetuou o empréstimo. O sistema também envia e-mail com um lembrete 2 dias anteriores à devolução prevista e quando o material é devolvido. No caso da devolução com atraso é acrescentado às informações do e-mail o valor da multa a ser acertada com a biblioteca, que atualmente é de R\$ 0,60 (sessenta centavos) por dia/material.

Os livros de consulta local são identificados com uma fita azul na lombada e ficam em uma estante branca, juntamente com os gibis, que também não podem ser retirados para empréstimo.

O espaço é utilizado por turmas do Ensino Infantil e Fundamental I, que possuem horários fixos semanais para devolução e empréstimos de livros e para as professoras aproveitarem o espaço para realizar contação de histórias e outras atividades.



## 2 REVISÃO DA LITERATURA

Nesta seção será revista a literatura acerca dos temas biblioteca escolar na educação, estudo de usuários e habilidades informacionais.

### 2.1 BIBLIOTECA ESCOLAR NA EDUCAÇÃO

As bibliotecas que já foram consideradas repositórios de conhecimento, que foram inatingíveis para o povo na sua história mais antiga, hoje desempenham papel fundamental na vida de todo cidadão. O conceito de bibliotecário evoluiu juntamente com o conceito de biblioteca, de guardião do conhecimento ao mediador de informações. Em se tratando de bibliotecas escolares, o bibliotecário passa a ser reconhecido como educador. E assume este papel ao trabalhar em conjunto com os professores, aperfeiçoando as habilidades informacionais que serão ali adquiridas pelos alunos.

A biblioteca escolar não deve servir apenas como repositório de livros e de outros itens. De acordo com Moro e Estabel (2011, p. 17): “A relação do usuário com a biblioteca torna-se significativa graças às representações que ficaram na relação do aluno com a biblioteca da sua escola.”.

Lidando com o delicado e complexo material humano que são a criança e o jovem, precisa a biblioteca escolar estar preparada para servir especificamente ao estudante. Não podemos fazer de cada Biblioteca uma vitrine de livros diversos; precisamos fazer de cada Biblioteca um organismo vivo e atuante, dedicado a objetivos definidos em relação a seus leitores. (TAVARES, 1973, p. 20).

O organismo vivo que se propõe ser a biblioteca escolar deve envolver e atrair seus usuários. Não apenas com o auxílio às suas pesquisas, mas também com suas propostas de incentivo à leitura, seja com rodas de leitura, atividades culturais e outras.

O Manifesto da UNESCO/IFLA para bibliotecas escolares nos define a missão a ser cumprida pelas bibliotecas.

A biblioteca escolar promove serviços de apoio à aprendizagem e livros aos membros da comunidade escolar, oferecendo-lhes a possibilidade de se tornarem pensadores críticos e efetivos usuários

da informação, em todos os formatos e meios. (UNESCO; IFLA, 2000, p.1).

Ainda no Manifesto, dentre os objetivos da biblioteca escolar, destacamos três que envolvem o desenvolvimento de habilidades informacionais.

- a) desenvolver e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura e da aprendizagem, bem como o uso dos recursos da biblioteca ao longo da vida;
- b) oferecer oportunidades de vivências destinadas à produção e uso da informação voltada ao conhecimento, à compreensão, imaginação e ao entretenimento;
- c) apoiar todos os estudantes na aprendizagem e prática de habilidades para avaliar e usar a informação, em suas variadas formas, suportes ou meios, incluindo a sensibilidade para utilizar adequadamente as formas de comunicação com a comunidade onde estão inseridos. (UNESCO; IFLA, 2000, p. 2-3).

Para cumprir sua missão e seus objetivos, a biblioteca escolar assume sua função educativa.

A função educativa da biblioteca torna-se visível com o aparecimento do "serviço de referência" (*reference service*) e se amplia com a introdução da "educação de usuários", conjunto de atividades que, ao contrário do serviço de referência, apresentam uma característica proativa, realizando-se por meio de ações planejadas de uso da biblioteca e de seus recursos. (CAMPELLO, 2003, p. 29).

Conforme Bonotto (2007, p. 162), a biblioteca escolar é o espaço onde o aprendizado acontece.

[...] A biblioteca é um centro ativo de aprendizagem; um núcleo, um coração pulsante e do qual emana sangue novo para todas as ações da escola. Por sua natureza, está intimamente ligada à ação pedagógica dos professores e não pode ser vista como um simples apêndice ou anexo da escola. É uma das forças educativas mais poderosas que deve estar à disposição dos alunos, professores, bem como de toda comunidade do entorno escolar. Tal como um laboratório, a biblioteca é um centro de investigação. Leva alunos e professores a descobrir que não só o que há nos livros, mas em qualquer fonte de informação ou de lazer [...]. Portanto, para que possa cumprir seu papel, a biblioteca precisa ser entendida como um espaço democrático, onde alunos, professores e bibliotecário tenham possibilidade de interagir com a informação, cultura e lazer.

O trabalho conjunto de bibliotecários e professores é essencial para o bom desenvolvimento das atividades educacionais planejadas para o espaço da biblioteca. Para Dudziak (2001, p. 130),

Ser educador significa apropriar-se dos processos de ensino-aprendizagem segundo uma perspectiva transformadora, enquanto sujeitos (bibliotecários, docentes, estudantes em constante processo dialógico, ao mesmo tempo aprendizes e mestres) e em relação aos conteúdos – conceituais, fatuais, procedimentais, atitudinais (os objetos de conhecimento). [...] Como *agente educacional* o bibliotecário poderá iniciar os processos culturais de transformação da educação e da comunidade educacional e social.

De acordo com Tavares (1973), conduzir ao estudo com eficiência é uma tarefa complexa que exige a utilização de uma série de habilidades de estudo (identificar o que se deve aprender, localizar e utilizar diferentes fontes de informação). Sobre as bibliotecas escolares Targino (1984, p. 44) afirma que: “Ao que tudo indica [...] podem fornecer às pessoas experiências de complexidade crescente.”.

Sobre o papel educacional do bibliotecário escolar, é necessário que este passe a trabalhar com programas planejados, de forma ordenada, com o compromisso de trabalhar junto à instituição que representa, seguindo seus princípios e integrando-se aos planos de ensino de forma colaborativa e participativa.

A biblioteca escolar tem imensa importância a contribuição para a sociedade. No entanto, precisa que as pessoas vejam-na com outros olhos, observando o seu real valor. É preciso criar projetos educacionais amplos, como os projetos de competência informacional. (MATA; SILVA, 2008, p. 31).

Além do desafio de atrair seus usuários, as bibliotecas devem dar atenção ao seu papel de mediadora e disseminadora de informações e também de formadora de futuros cidadãos.

## 2.2 EDUCAÇÃO DE USUÁRIOS

No Brasil, nas décadas de 50 e 60 já se sentia a necessidade de aproximação dos bibliotecários com seus usuários. A formação do bibliotecário era meramente técnica, com foco no acervo, em sua manutenção e organização. Isto, de acordo com Castro (2000), forçava uma grande distância para que os bibliotecários pudessem se ajustar aos novos tempos. A formação bibliotecária deveria ser técnica, cultural e humanista. Reivindicava-se que o ensino da biblioteconomia fosse

de caráter cultural, incentivando a leitura, por exemplo, e humanista, conhecendo seus usuários para entender suas demandas. Estas reivindicações da classe demoraram a ser atendidas.

A biblioteconomia passou por um período em que formava profissionais capazes de produzir fichas e organizar estantes, mas que precisavam recorrer a outros profissionais para as outras funções da biblioteca (CASTRO, 2000). As questões relativas ao uso de novas tecnologias e o usuário visto como cliente, que poderia estar satisfeito ou insatisfeito, fizeram com que os bibliotecários passassem a considerar além da importância do processamento técnico também a importância da avaliação dos serviços que ofereciam, desde a qualidade do acervo, atendimento ao público até o auxílio às pesquisas.

É preciso reconhecer que a pesquisa escolar é um processo complexo, que exige do aluno habilidades que precisam estar previamente desenvolvidas, para que ocorra em toda sua riqueza. O estudante deve ter familiaridade com a biblioteca, com a localização dos materiais ali reunidos e com os meios existentes para se recuperar informação: catálogos, Internet, etc. Precisa saber escolher e consultar diferentes fontes de informação e, mais do que isso, precisa ser capaz de localizar e interpretar essa informação, usando mais de uma fonte, dominando técnicas para esquematizar, resumir e parafrasear [...] É fundamental que o aluno, o professor e o bibliotecário compreendam que a concretização efetiva da pesquisa escolar ocorre por etapas e não em um bloco único, e que a riqueza do processo se traduz na modificação na forma de pensar do estudante. Observa-se, portanto, que só serão alcançados os resultados positivos dessa estratégia de aprendizagem se a escola investir, sistemática e continuamente, em programas de desenvolvimento de habilidades informacionais, que deverão iniciar-se cedo na vida da criança. [...] Só assim a pesquisa escolar terá sentido e a escola estará formando um aluno com perfil de pesquisador: criativo e autônomo na busca do conhecimento. (ABREU, 2002, p. 26-27).

A autonomia do usuário é um fator diferenciado, resultante de sua educação como usuário de uma biblioteca, provavelmente a escolar. Quanto mais cedo as bibliotecas mostrarem-se interessadas em iniciar e manter essa educação, mais criativos e autônomos serão seus usuários.

[Na década de 90] Começava a se popularizar o conceito de aprendizagem ao longo da vida (*lifelong learning*) e o interesse pela implementação de programas educacionais conjuntos voltados para *IL* [Information Literacy] aumentava. Em função do crescimento exponencial de informações disponibilizadas, principalmente através da Internet, era cada vez mais urgente preparar os profissionais e

indivíduos para lidarem com essa nova realidade. A *Information Literacy* tornou-se resposta e vários estudos de caso começaram a aparecer na literatura. (DUDZIAK, 2001, p. 35).

Os programas de educação de usuários devem acompanhar as mudanças comportamentais de pesquisa. Em 1996, Lancaster já afirmava que a avaliação da mudança comportamental de pesquisa seria de difícil avaliação, tanto quanto a avaliação da aprendizagem dos alunos a partir das mudanças constantes e necessárias das formas de educação de usuários, e que a maior preocupação dos bibliotecários seria acompanhar se os usuários estariam se beneficiando com tais mudanças, promovendo alterações em seus programas, insurgentes a partir da avaliação de satisfação e de aprendizagem dos usuários.

[...] Os benefícios potenciais de um programa de instrução bibliográfica [educação de usuários] poderiam ser considerados em vários níveis: maior utilização da biblioteca, utilização mais aprimorada dos recursos, e maior êxito na aplicação dos recursos da biblioteca nas pesquisas ou estudos do próprio participante. [...] É claro que o êxito a longo prazo de um programa somente pode ser medido por meio de algum tipo de estudo, de acompanhamento (...). (LANCASTER, 1996, p. 253).

No Brasil, na década de 90, destaca-se o início da mudança comportamental de usuários e de bibliotecários, porém,

[...] a ênfase que o bibliotecário dá à promoção da leitura e sua dificuldade para contribuir com a pesquisa escolar – indica que este profissional, embora tendo consciência de seu papel educativo, não deu ainda o salto para a ação pedagógica mais ampla, que possa contribuir para a formação de usuários competentes na busca e no uso da informação. (CAMPELLO, 2010, p. 186).

A educação de usuários é um diferencial em ambientes de bibliotecas escolares, sendo realizada em geral de maneira informal, de acordo com a manifestação de interesse por parte dos alunos ou conforme suas dificuldades em buscar informações se apresentem durante a vida escolar ou acadêmica.

Tradicionalmente as bibliotecas oferecem alguma forma de instrução aos seus usuários, seja na forma de programas de instrução de usuários integrados a disciplinas dos cursos de graduação ou através de visitas guiadas, oficinas, palestras, áudio visuais, folhetos impressos ou mesmo em situações individuais no setor de referência. (CAREGNATO, 2000, p. 51).

Na biblioteca Dom Bosco, que atende do público infantil ao acadêmico, a educação de usuários é realizada de maneira informal pelas auxiliares, que se esforçam na tentativa de preencher as lacunas que surgem em situações individuais no atendimento de referência. Embora esta orientação que surge conforme os usuários manifestam suas dúvidas tenha a sua importância, faz-se necessária uma educação planejada e programada, que possui potencialidade para minimizar as dúvidas futuras dos usuários, preparando-os para trabalhar com informação.

Com uma educação de usuários realizada de maneira planejada, o público que terá acesso às informações que introduzem as habilidades de competência informacional será maior e a biblioteca deverá tornar-se um ambiente mais atraente, despertando a curiosidade de seus usuários com novas atividades e com uma maior aproximação entre os alunos e os educadores que trabalham na biblioteca.

### 2.3 COMPETÊNCIA INFORMACIONAL

Para podermos estudar um assunto é preciso primeiramente conhecermos os pesquisadores que influenciam a área. Ao realizarmos uma pesquisa simples acerca da competência informacional, é possível verificar que uma pesquisadora é amplamente citada por outros autores da área: Carol Kuhlthau. A autora é uma das pioneiras na pesquisa sobre habilidades informacionais. Publicou diversos livros e artigos e criou um modelo baseado nos ensinamentos de Piaget de comportamento de usuários na busca por informações.

De acordo com Araújo, Braga e Vieira (2010, p. 187), Kuhlthau é: “[...] professora titular da School of Communication, Information and Library Studies, da Rutgers University (New Jersey, EUA), desde 1985.”. É mestre e doutora, já trabalhou em várias bibliotecas norte-americanas e também ocupou cargos em diversas instituições como diretora, consultora, pesquisadora, professora, coordenadora e conferencista, dentre outras. Suas pesquisas são focadas no usuário.

No Brasil, o principal impacto da abordagem de busca por informação por crianças e adolescentes abordado por Kuhlthau está relacionado ao papel da biblioteca escolar no processo de aprendizagem. Idéias e resultados de pesquisa de Kuhlthau contribuíram para que os pesquisadores brasileiros trabalhassem na perspectiva do conceito de “competência informacional”, ou seja, a

habilidade do usuário de construir sentido por si mesmo, em um ambiente rico em informação. (ARAÚJO; BRAGA; VIEIRA, 2010, p. 196).

Sobre competência informacional, concordamos com a seguinte afirmação:

[...] estamos tratando a competência informacional, partindo do princípio de que ela se insira nas práticas de letramento e deva ser experimentada pelas crianças desde o início de sua vida escolar. Assim, estamos falando de competência informacional na perspectiva de sua escolarização. Isso significa que consideramos possível levar os alunos a se familiarizar desde cedo com o aparato informacional do mundo letrado, desde que respeitando seu estágio de desenvolvimento. (CAMPELLO, 2006, p. 64).

A competência informacional é tema de estudos no Brasil e de acordo com Campello (2003), o termo *information literacy* foi utilizado nos Estados Unidos para designar a aprendizagem da utilização de eletrônicos, tendo sido assimilado e incorporado pela biblioteconomia, onde hoje constitui a base de políticas de ações pedagógicas em bibliotecas escolares. O termo:

[...] foi mencionado pela primeira vez por Caregnato (2000, p. 50)<sup>8</sup>, que o traduziu como “alfabetização informacional” em um texto que propunha a expansão do conceito de educação de usuários e ressaltava a necessidade de que as bibliotecas universitárias se preparassem para oferecer novas possibilidades de desenvolver nos alunos habilidades informacionais necessárias para interagir no ambiente digital. (CAMPELLO, 2003, p. 29).

A competência informacional foi definida por Dudziak (2003, p. 28) como:

[...] o processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais, de habilidades, necessários à compreensão e interação permanente com o universo informacional e a sua dinâmica, de modo a proporcionar um aprendizado ao longo da vida.

Como mencionado anteriormente, as mudanças tecnológicas na sociedade da informação disponibilizam informações em grande quantidade e com muita rapidez para a nossa realidade, onde usuários encontram dificuldades para filtrar tanta informação.

Talvez o papel mais importante da biblioteca escolar hoje seja orientar seus usuários de modo que aprendam as habilidades da informação para a sua vida: o planejamento, a localização, a seleção,

---

<sup>8</sup> CAREGNATO, Sonia Elisa. O Desenvolvimento de Habilidades Informacionais: o papel das bibliotecas universitárias no contexto da informação digital em rede. **Revista de Biblioteconomia e Comunicação** (UFRGS), Porto Alegre, v. 8, p. 45-53, 2000.

a coleta, a organização e o registro da informação, bem como a comunicação e a geração de informação e conhecimento — habilidades que precisam ser aprendidas para poderem ser postas em prática não apenas no contexto escolar, mas na vida de cada um. [...] Se considerarmos esse papel da biblioteca escolar [...] [Sua função] educativa porque trabalha com a educação de seus usuários, promove, o que chamamos de alfabetização informacional. As ações na biblioteca permitem o desenvolvimento das atividades curriculares, a melhoria do ensino, como instrumento de formação do indivíduo, facilitando o cumprimento do papel mais abrangente da educação. Ao promover a integração da informação no currículo escolar, permite a expansão e a compreensão da informação e promove a *educação continuada* [grifo nosso]. (BONOTTO, 2007, p. 166-167).

As habilidades que direcionam os usuários ao saber buscar informações relevantes de forma eficiente são o que formam a competência informacional. O processo para que os usuários consigam essa competência inicia-se no ambiente da biblioteca escolar.

A competência informacional é um dos meios norteadores para habilitar os indivíduos a usarem a informação, além de que “[...] o uso do termo [competência informacional] no âmbito escolar é resgatado por estar ligado aos processos cognitivos apresentados na aprendizagem” (QUEIROZ<sup>9</sup>, 2006, p. 30 apud MATA; SILVA, 2008, p. 32).

A competência informacional não se dá rapidamente, mas é adquirida através de um processo gradativo de aprendizagem, com o auxílio de professores e bibliotecários.

O desenvolvimento de projetos de competência informacional na comunidade escolar, por meio da biblioteca, possibilita que o aluno seja formado como usuário da informação em passos gradativos para buscar, entender, organizar, interpretar, avaliar, utilizar e comunicar a informação. Não significa que seja um processo de aquisição somente de habilidades formais de busca em catálogos e ferramentas eletrônicas, mas também sirva de mola propulsora para mudança de atitude a respeito da informação, do conhecimento, da preparação do escolar para a resolução de problemas e tomada de decisões. O que se espera é o desenvolvimento do desejado espírito crítico e criativo do estudante no decorrer da vida toda. (MACEDO<sup>10</sup>, 2005 apud MATA; SILVA, 2008, p. 32).

---

<sup>9</sup> QUEIROZ, Solange Palhano de. Information Literacy: uma proposição expressiva para a biblioteca escolar. In: SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli. (Org.). **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. São Paulo: Polis, 2006. p. 21-31.

<sup>10</sup> MACEDO, Neusa Dias de. Fórum de debates sobre a biblioteca escolar brasileira, com base no Manifesto UNESCO/IFLA. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Biblioteca escolar brasileira em debate: da memória profissional a um fórum virtual*. São Paulo: Senac, 2005. p.167-403.



Quando falamos na democratização e na socialização do acesso à informação na escola, pensamos em um ensinamento que seja levado aos alunos de maneira organizada, distribuído e modificado de acordo com a capacidade de cada aluno em compreender e acompanhar a crescente complexidade no decorrer do processo de aprendizagem, bem como alterado de acordo com os recursos disponíveis pelas bibliotecas e com as atividades previstas nos planos de ensino das instituições.

A educação voltada para a competência em informação é aquela que socializa o acesso à informação, ao conhecimento e ao aprendizado. Incentiva a participação ativa da comunidade (ou seja, seu comprometimento) na definição de objetivos educacionais. Busca o aprendizado, enquanto processo, de conteúdos significativos. Enfatiza a integração curricular e a educação baseada em recursos. Adota práticas pedagógicas voltadas para a construção de conhecimento, o aprendizado independente e o aprendizado ao longo da vida, a partir da elaboração de projetos de pesquisa e resolução de problemas. Neste cenário educacional, a *Information Literacy* encontra uma base para se desenvolver. As instituições que adotarem este modelo de educação estarão um passo a diante na direção à uma sociedade mais informada e, portanto, mais democrática. (DUDZIAK, 2001, p. 95).

É necessário que com o auxílio e suporte que a biblioteca escolar pode oferecer, as habilidades informacionais sejam estimuladas desde a infância e que os bibliotecários se voltem para o desenvolvimento de atividades que estimulem a educação de seus usuários, com a consciência de participar da formação de cidadãos que terão maiores chances de quebrar barreiras e democratizar a informação para a sociedade.

## 2.4 O PROGRAMA DE KUHLTHAU

A competência informacional será mais facilmente adquirida por usuários que tenham acesso a uma biblioteca onde o bibliotecário, em conjunto com os professores, consiga auxiliar o desenvolvimento de habilidades informacionais trabalhadas dentro do ambiente da biblioteca.

De acordo com Pelissaro e Moura (2015, p. 286),

Se a biblioteca escolar possuir programas e atividades que desenvolvam nos alunos as competências informacionais, ela amplia seu processo educativo, uma vez que estará inserida no âmbito dos

conteúdos curriculares. É na escola que o aluno deve conhecer as fontes de informação que pode usar, e aprender como tirar o maior proveito delas. É nesse espaço que ele precisa iniciar seu pensamento crítico; começar a formular questões; avaliar e utilizar a informação. Dessa forma ele aprende a aprender e tudo o que ele conhece na escola se torna pretexto para tornar-se um indivíduo pró-ativo.

Ainda de acordo com as autoras, um projeto de educação de usuários pode utilizar-se de “[...] palestras, visitas guiadas, apresentações audiovisuais, distribuição de folhetos, interação com livros e filmes, dentre outras. As atividades devem ser pensadas de acordo com a faixa etária dos alunos a fim de cultivar neles o desejo inato de saber.” (PELISSARO; MOURA, 2015, p. 286).

O programa de Carol Kuhlthau:

[...] foi planejado considerando-se a capacidade das crianças e jovens para usar os recursos informacionais em cada estágio do seu desenvolvimento, combinando essa capacidade com atividades apropriadas. [...] Antes dos seis ou sete anos, por exemplo, as crianças normalmente não são capazes de desenvolver tarefas que exijam categorização e classificação. Portanto, nessa idade, será inútil, e possivelmente até prejudicial para seu processo de aprendizagem, o ensino detalhado de sistemas de classificação bibliográfica. (KUHALTHAU, 2002, p. 13).

Conforme mencionado anteriormente, as etapas do programa de Kuhlthau (2002) possuem características que correspondem respectivamente aos estágios do desenvolvimento cognitivo de Piaget, sendo estes:

- a) sensório motor: do nascimento até os 2 anos. A criança aprende através dos sentidos e do movimento;
- b) pré-operacional: de 2 a 7 anos. A criança pode usar símbolos, como a linguagem, para representar a realidade. Apresenta atitudes egocêntricas;
- c) concreto operacional: de 7 a 11 anos. Pode desenvolver operações mentais no nível concreto, pode categorizar e usar classificação. Não é capaz de pensamento abstrato;
- d) formal operacional: de 12 a 16 anos, pode usar pensamento abstrato, pode generalizar, pode formular uma hipótese. (KUHALTHAU, 2002, p. 14).

A cada etapa do programa,

[...] são incluídas atividades para ajudar as crianças e os jovens a encontrar significados no que leem: eles registram em agendas impressões sobre os livros lidos; elaboram cartazes e compilam listas

de livros preferidos para serem compartilhados com os colegas. (KUHLTHAU, 2002, p. 21).

As atividades buscam a participação interativa dos usuários, no que a autora acredita ser a melhor forma de aprendizagem, ora em atividades individuais, ora em atividades em grupo. O programa é dividido em três fases, subdivididas em etapas, conforme consta no quadro a seguir.

**Quadro 1 – Fases e etapas do programa**

<p style="text-align: center;"><b>Fase I – Preparando a criança para usar a biblioteca</b></p> <p style="text-align: center;">De 4 a 6 anos</p> <p>a) etapa 1: Conhecendo a Biblioteca;</p> <p>b) etapa 2: Envolvendo as crianças com livros e narração de histórias.</p>
<p style="text-align: center;"><b>Fase II – Aprendendo a usar os recursos informacionais</b></p> <p style="text-align: center;">De 7 a 10 anos</p> <p>a) etapa 1: Praticando habilidades de leitura;</p> <p>b) etapa 2: Expandindo o interesse pela leitura;</p> <p>c) etapa 3: Preparando para usar os recursos informacionais de maneira independente;</p> <p>d) etapa 4: Buscando informações para trabalhos escolares.</p>
<p style="text-align: center;"><b>Fase III – Vivendo na sociedade da informação</b></p> <p style="text-align: center;">De 11 a 14 anos</p> <p>a) etapa 1: Usando os recursos informacionais de maneira independente;</p> <p>b) etapa 2: Entendendo o ambiente informacional.</p>

Fonte: adaptado de Kuhlthau (2002)

A Fase I - Etapa 1 deste programa é a que cabe a esta pesquisa. Seu objetivo é que as crianças de quatro a seis anos aprendam o que é a biblioteca, sejam capazes de seguir rotinas e procedimentos, se familiarizem com diversos materiais e interajam com os colegas (KUHLTHAU, 2002). O programa, por sua definição, é flexível, podendo ser ajustado aos diferentes perfis de crianças a serem atendidas e aos diferentes recursos que a biblioteca possa oferecer. A etapa é marcada pela variedade de histórias a serem lidas, estimulando o desenvolvimento da compreensão, da significação.

### 3 METODOLOGIA

A seguir será apresentada a metodologia de pesquisa que foi utilizada neste estudo, detalhada quanto ao tipo de estudo, sujeitos de estudo, técnica de coleta de dados e tratamento de dados.

#### 3.1 TIPO DE ESTUDO

De acordo com Lakatos e Marconi (2001, p. 155): “A pesquisa [...] é um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a verdade ou para descobrir verdades parciais.”.

Segundo a natureza da pesquisa este estudo é básico, pois: “[...] a pesquisa básica (ou fundamental) objetiva o avanço do conhecimento teórico em determinada área, não visa à aplicabilidade imediata.” (APPOLINÁRIO, 2006, p. 70).

A pesquisa deve ser planejada e definida de acordo com sua natureza, sua abordagem, seu objetivo e seu procedimento.

#### 3.2 ABORDAGEM DE ESTUDO

Segundo a abordagem a pesquisa é qualitativa,

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. [...] A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 31-32).

Portanto, não objetivamos a mensuração de quantidades, e sim estipular a relação entre as atividades desenvolvidas na biblioteca pelas crianças com as atividades propostas por Kuhlthau.

### 3.3 OBJETIVO DE ESTUDO

Segundo o objetivo a pesquisa é exploratória, pois:

[...] é a formulação de questões ou de um problema, com tripla finalidade: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno, para a realização de uma pesquisa futura mais precisa ou modificar e clarificar conceitos. (LAKATOS; MARCONI, 2001, p. 188).

Para Gil (2008, p. 41): “Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições.”. Acreditamos que planejar o desenvolvimento de habilidades informacionais no espaço da biblioteca escolar é importante para que a capacidade intelectual das crianças possa ser constantemente aprimorada ao longo de suas vidas.

### 3.4 PROCEDIMENTO DE ESTUDO

O procedimento dessa pesquisa é um estudo de caso, o que, de acordo com Cervo, Bervian e Silva (2011, p. 62): “[...] é a pesquisa sobre determinado indivíduo, família, grupo ou comunidade que seja representativo de seu universo, para examinar aspectos variados de sua vida.”. O estudo de caso, de acordo com Gil (2008, p. 54): “Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, [...]”.

Pretendemos com este estudo de caso um aprofundamento do conhecimento das habilidades informacionais adquiridas pelos sujeitos de estudo.

### 3.5 SUJEITOS DE ESTUDO

Os sujeitos deste estudo são os alunos do 1º ano do Colégio Salesiano Dom Bosco de Porto Alegre. Nas turmas de primeiro ano do ensino fundamental, temos 94 alunos divididos em 4 turmas. Para uma melhor logística, foi selecionada apenas uma turma para participar do estudo, visto que os alunos se deslocam entre a sala de aula, a sala de informática, a sala de inglês, a biblioteca, a pracinha e ainda estavam em época de olimpíadas, deslocando-se também para o ginásio e para o

pátio e algumas turmas teriam ainda dias de passeio, o que por definição, dificultaria a união dos alunos de diferentes turmas para o estudo. A seleção da turma X deu-se de forma aleatória juntamente com a coordenação pedagógica do colégio.

Os sujeitos de estudo passaram a ser os 26 alunos da turma X. A amostra dos sujeitos foi determinada por conveniência. A razão pela escolha da amostragem não probabilística deu-se pela dificuldade citada que tínhamos em sortear os sujeitos e conseguir que todos estivessem disponíveis ao mesmo tempo para participar do estudo. A amostragem por conveniência: “[...] envolve a seleção de elementos de amostra que estejam mais disponíveis para tomar parte no estudo e que podem oferecer as informações necessárias.” (FUNDAMENTOS..., 2006, p. 247).

Participaram do grupo focal os 9 alunos (as) que trouxeram os termos de consentimento (Apêndice B) devidamente assinados pelo (a) responsável, representando 34,6% da turma e 10% do total de alunos no 1º ano.

### 3.6 TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS

A técnica de coleta de dados desse estudo é a observação sistemática não participante, onde se examinam fatos através de observação em condições controladas tendo o pesquisador contato com a realidade estudada, mas sem integrar-se a ela (LAKATOS; MARCONI, 2001).

A turma X foi acompanhada durante uma contação de história realizada pela professora no ambiente da biblioteca infantil, com o objetivo de observar as habilidades de interpretação dos alunos, como reagem ao que é visto e ouvido e observar como se comportam nas atividades de rotina da biblioteca, tais como empréstimo e devolução. A observação foi agendada com a professora, conforme o horário semanal da turma ir à biblioteca e teve duração de 30 minutos.

Foi realizado um grupo focal com os alunos. O grupo focal,

[...] é um grupo de discussão informal e de tamanho reduzido, com o propósito de obter informações de caráter qualitativo em profundidade. É uma técnica rápida e de baixo custo para avaliação e obtenção de dados e informações qualitativas, fornecendo aos gerentes de projetos ou instituições uma grande riqueza de informações qualitativas sobre o desempenho de atividades desenvolvidas, prestação de serviços, novos produtos ou outras questões. (GOMES; BARBOSA, 1999, p. 1).

O grupo focal foi realizado com o objetivo de conhecer as habilidades adquiridas pelos alunos para então relacioná-las com as habilidades sugeridas para esta faixa etária por Carol Kuhlthau (2002).

A atividade teve duração de 35 minutos e foi realizada com interação de uma moderadora das conversas, visto que,

O entrevistador grupal exerce um papel mais diretivo no grupo, pois sua relação é, a rigor, diádica, ou seja, com cada membro. Ao contrário, o moderador de um grupo focal assume uma posição de facilitador do processo de discussão, e sua ênfase está nos processos psicossociais que emergem, ou seja, no jogo de interinfluências da formação de opiniões sobre um determinado tema. (GONDIM, 2003, p. 151).

A moderadora do grupo focal foi a auxiliar Andréia, pois esta tem mais contato com os alunos e estes ficariam mais confortáveis em dar respostas sinceras, diminuindo a possibilidade de respostas dadas automaticamente por um sentimento de intimidação que poderia ser provocado pelo estranhamento entre os alunos e a graduanda.

As conversas foram gravadas para posterior transcrição, ampliando a perspectiva da observação. De acordo com Markoni e Lakatos (2001, p. 200): "O uso do gravador é ideal [...] A anotação posterior apresenta duas inconveniências: falha de memória e/ou distorção do fato, quando não se gravam todos os elementos.". Para minimizar o efeito dessas possíveis falhas, os alunos foram gravados durante o grupo focal, possibilitando um melhor relato de acordo com suas expressões, atitudes e inflexões de voz.

Para a coleta de dados também foi analisado o plano de ensino de letramento do 1º ano do ensino fundamental. A análise deu-se por comparação das atividades de letramento que são realizadas na biblioteca, verificando se as características das atividades que são desenvolvidas pelas crianças correspondem ou se aproximam às atividades que Kuhlthau (2002) propõe em seu programa.

### 3.7 TRATAMENTO DE DADOS

A observação da contação de história foi relatada e as habilidades observadas nos alunos foram relacionadas com as habilidades que Carol Kuhlthau

define como ideais de aprendizagem em competência informacional para esta faixa etária.

As questões elaboradas para o grupo focal (Apêndice C) foram pensadas de acordo com a categorização das habilidades que os alunos devem adquirir na 1ª fase do programa (Quadro 2). Algumas questões foram elaboradas no decorrer do grupo focal, buscando uma melhor compreensão das respostas dos alunos.

As respostas dos alunos ao grupo focal foram transcritas e analisadas por comparação com a aprendizagem de habilidades informacionais esperadas para esta faixa etária de acordo com Carol Kuhlthau.

As atividades de letramento que constam no plano de ensino do 1º ano foram relacionadas e comparadas com as atividades propostas por Carol Kuhlthau.

**Quadro 2 – Lista de habilidades**

<b>HABILIDADES DE LOCALIZAÇÃO</b>	
<b>⇒ Arranjo da coleção</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>a) sabe que os materiais da biblioteca estão organizados numa determinada ordem;</li> <li>b) está desenvolvendo a compreensão de sua responsabilidade na manutenção da ordem dos materiais.</li> </ul>
<b>HABILIDADES DE INTERPRETAÇÃO</b>	
<b>⇒ Técnicas de avaliação e seleção</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>a) sabe que a biblioteca tem livros para emprestar e usar;</li> <li>b) sabe que muitas crianças usam a biblioteca;</li> <li>c) consegue, com ajuda do bibliotecário, escolher um livro para levar para casa por empréstimo;</li> <li>d) consegue cuidar dos livros que levou por empréstimo ou que usa na biblioteca;</li> <li>e) dá conta de seguir as rotinas de empréstimo.</li> </ul>
<b>⇒ Ver, ouvir e interagir</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>a) está desenvolvendo habilidade de observar as imagens e sons da história;</li> <li>b) está desenvolvendo habilidade de reagir ao que é visto e ouvido;</li> <li>c) está desenvolvendo habilidade de usar <i>links</i> e identificar ícones em documentos <i>hipertextuais</i>.</li> </ul>



**Σ** **Apreciação literária**

- a) sabe que existem muitos livros de histórias e de imagens na biblioteca;
- b) tem alguns livros e personagens preferidos;
- c) começa a desenvolver a capacidade de apreciar as peculiaridades de diversos tipos de poemas.

Fonte: adaptado de Kuhlthau (2002, p. 35)

## 4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção serão apresentados os resultados das análises dos dados da observação da contação de histórias e da realização do grupo focal.

### 4.1 OBSERVAÇÃO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

No dia 29 de setembro a turma X foi à biblioteca para a realização da atividade programada de hora do conto semanal. A história contada foi “O grande rabanete”<sup>11</sup>, de Tatiana Belinky.

Como a atividade foi realizada no último período do dia, a turma desceu para a biblioteca com as mochilas, deixando-as próximas a uma parede dentro da biblioteca infantil. Os alunos foram orientados a sentar-se no tatame, de frente para a professora, que iniciou a contação questionando se alguém já conhecia a história. Alguns alunos responderam que sim, outros que não. Os que já a conheciam, queriam logo começar a contá-la.

Dos 26 alunos, apenas três mostraram-se inquietos e não estavam prestando muita atenção na professora, que interrompeu a contação por três vezes para chamar-lhes a atenção. O restante mostrou-se participativo, repetindo a sequência de personagens da história de forma correta, interagindo com a professora e entre si, com comentários que questionavam como um rabanete poderia ser tão grande ou se o rabanete era pequeno e o vô é que não tinha mais tanta força.

Durante a contação a professora mostrava as ilustrações para a turma. Ao final, a professora mostrou o tamanho do rabanete retirado da terra e uma aluna o achou pequeno. A professora apontou para que ela reparasse na proporção do tamanho dos personagens ilustrados perto da ilustração do rabanete. Apenas quatro alunos disseram que já tinham visto um rabanete e que na verdade ele é bem pequeno.

Ao questionar os alunos sobre o que tinha acontecido para o vô conseguir colher o rabanete, os alunos disseram que foi preciso mais força, pois o rabanete era grande. Ao questionar quem afinal tinha conseguido colher o rabanete, a maioria dos alunos disse que todos os personagens conseguiram por estarem se ajudando,

---

<sup>11</sup> BELINKY, Tatiana. **O grande rabanete**. 13. ed. São Paulo: Moderna, 1997. (Hora da fantasia).

três alunos porém, disseram que foi o último personagem, o ratinho e em conversa com os coleguinhas, foi discutido se o ratinho era o mais forte. Um aluno apontou que ratos são bichos sujos e era estranho que ele tivesse ajudado. A professora lembrou que nem todos os ratos moram em locais sujos como os esgotos e duas alunas se manifestaram contando de amigas que têm ratinhos de estimação que são limpinhos e bonitos.

Ainda sobre o final da história, a professora questionou se por acaso não seria aquela pequena força do ratinho que tinha feito a diferença para que a força de todos aumentasse e o trabalho em conjunto pudesse ter resultado. Os alunos concordaram com a afirmação da professora de que “a união faz a força”, mas questionaram o porquê de a minhoca, que aparece no final da história, que sequer havia ajudado a puxar o rabanete, também comeu junto aos que ajudaram, e um aluno disse que ela não tinha força, outro disse que ela não tinha braços, mas todos enfim concordaram que minhocas também precisam comer.

Ao anunciar o final da história, os alunos entoaram uma música, batendo palmas: *“A história terminou, é o que todo mundo diz. Quem gostou dessa história, bata palma e peça bis!”*. Então, os alunos que tinham levado a carteirinha da biblioteca escolheram livrinhos para levar emprestados, apenas cinco perguntaram se eram somente os da estante verde que eles poderiam escolher. Outros cinco alunos permaneceram sentados lendo gibis até soar o sinal de término da aula.

Ao deixarem a biblioteca, notaram-se apenas três livrinhos da estante verde no chão, uma pequena bagunça nas prateleiras (livrinhos colocados ao contrário ou deixados juntos a livros com cor de fitinha de *Cutter* diferente) e duas mochilas de alunos que ainda estavam no balcão de empréstimos retirando os livrinhos que haviam escolhido e que em seguida voltaram para pegá-las.

No balcão de empréstimos, os alunos que tinham livros na mochila fizeram a devolução, e foram entregando as carteirinhas junto com os livrinhos que tinham escolhido.

Além de carimbar a data de devolução, as atendentes falaram para cada aluno a data e eles a repetiam em voz alta, até mesmo antes das atendentes, pois já haviam escutado elas dizerem para o colega que foi atendido antes. Alguns perguntaram a data e abriram o livro para verificar o carimbo.

Por ordem da professora, todos se juntaram em fila para aguardar os coleguinhas e saírem juntos da biblioteca.

#### 4.1.1 Análise da observação de acordo com as habilidades de Kuhlthau

A contação de histórias é a mais importante atividade na fase inicial de contato entre a criança e o mundo letrado, pois esta amplia seus horizontes e cultiva suas imaginações.

Acredita-se que a hora do conto seja o mais importante alimento do imaginário. As crianças possuem seu mundo próprio, povoado de fantasias e de sonhos, mas convivem conosco, dividindo um mundo cheio de realidades adultas que nem sempre podem entender. A hora do conto, através da narração de histórias, da participação da criança nas mesmas, possibilita o trânsito entre a fantasia e a realidade. [...] a criança que ouve histórias com frequência educa sua atenção, amplia seu vocabulário e, principalmente, aprende a procurar, nos livros, novas histórias para o seu entretenimento. A hora do conto amplia os horizontes da leitura, tornando a criança consciente da existência de infinidade de livros de diversos temas, gêneros e estilos, capazes de satisfazer suas necessidades individuais e seus gostos, além de permitir a seleção de obras que mais se ajustem ao seu grau de maturidade psíquica e intelectual. (BARCELLOS; NEVES, 1995, p. 17-19).

Durante a contação da história, uma observação que Kuhlthau faz pode ser notada ao final, quando os alunos entoaram uma música que sinalizava o término da atividade. De acordo com Kuhlthau (2002, p. 29): “Estabelecer uma rotina para criar um ambiente de escuta atenta é uma forma efetiva de prepará-las para ouvirem uma história. Para isso, pode-se utilizar atividades tais como: canções [...]”. Para atrair a atenção das crianças, o narrador deve criar um clima de expectativa nos ouvintes, podendo, de acordo com Barcellos e Neves (1995, p. 28): “ [...] selecionar um tema musical ou mesmo, ensinar uma canção aos ouvintes que poderá marcar o início e o fim das sessões da Hora do Conto.<sup>12</sup>”.

A professora demonstrou interesse na história, chamando a atenção dos alunos para as ilustrações, pedindo que eles a acompanhassem nas repetições da sequência em que os personagens aparecem na história e também incentivou o pensamento crítico dos alunos ao fazê-los compartilhar ideias e encontrar os significados da história, que foram diversos e atraíram a atenção de todos para a compreensão da opinião que os colegas estavam expondo, gerando uma troca entre as diferentes interpretações que surgiram.

---

<sup>12</sup> COELHO, Betty. **Contar histórias, uma arte sem idade**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.

Os alunos podem ter dificuldades em manter a atenção na história, o que foi observado apenas no início da contação mas foi uma situação rapidamente controlada pela professora, chamando os alunos por seus nomes e pedindo que se comportassem.

Quando a hora do conto for realizada na biblioteca, sugere-se a preparação de um espaço que poderá ser denominado o Cantinho da História. Será escolhido um dos cantos de uma ou da sala que é ocupada pela biblioteca. Neste, será colocado tapete [...] e distribuídas almofadas coloridas, para a criança instalar-se confortavelmente, a fim de participar desta gostosa atividade. (BARCELLOS; NEVES, 1995, p. 26).

Foi observado também que um aluno trouxe uma questão que não fazia parte do contexto da história. Conforme Kuhlthau (2002, p. 31): “[...] elas podem fazer observações completamente fora do contexto da discussão.”, mas ainda assim, a questão do aluno sobre o rato ser um animal sujo despertou o interesse de seus colegas que o responderam de forma natural e espontânea.

[...] a leitura assume sua função crítica e social muito importante, dando ao homem direito à opção, a um posicionamento próprio diante da realidade. E, à medida que revela ao leitor esse mundo, desenvolvendo nele maior consciência individual e social, a leitura está agindo no sentido da humanização desse indivíduo, ampliando sua capacidade de pensar, sentir e interagir nas relações sociais do seu tempo. [...] Um dos principais objetivos da escola hoje é dar instrumentos ao aluno para que ele possa ter acesso ao acervo científico-cultural da humanidade, para que possa construir conhecimento. Todo o conhecimento científico, toda a produção artístico-cultural da humanidade está, de alguma forma, registrada à espera de um leitor. (FRANTZ, 2011, p. 29).

As discussões levantadas com relação às ilustrações permitiram o compartilhamento de ideias com os colegas, como no caso da ilustração do rabanete, que permitiu a compreensão de uma aluna com o uso de recordações de seus colegas que já haviam visto um rabanete e souberam explicar como este seria se fosse ilustrado em tamanho real.

Quanto às habilidades de interpretação a serem observadas durante a contação de histórias, os alunos destacaram-se pelo interesse pela leitura, pela participação, pela expressão de seus pensamentos e principalmente pela compreensão do que foi ouvido e pela capacidade de argumentação. Demonstraram também conhecimento sobre as rotinas de empréstimo da biblioteca.

Para Barcellos e Neves (1995, p. 35): “As atividades desenvolvidas pelas crianças, logo após a narração da história, oportunizarão que elas expressem seus sentimentos, em relação ao que foi narrado.”. Ainda de acordo com as autoras, as crianças percebem a moral da história ou a mensagem passada pela história e são capazes de criar suas próprias conclusões.

Quanto às habilidades de localização, os alunos demonstraram compreender a ordem existente para os livros da biblioteca e poucos demonstraram não compreender suas responsabilidades de manutenção da ordem dos materiais, deixando livrinhos em estantes de cor diferente ou com a lombada virada para a parede. Também foi observado que poucos puxaram os livros para abrir espaço suficiente para ver a capa dos livros; a maioria puxou livro por livro pelas lombadas para verificar os títulos.

## 4.2 GRUPO FOCAL

O grupo focal foi realizado em uma quinta-feira e teve a duração de 35 minutos. Os alunos foram levados à biblioteca infantil pelas auxiliares Tatiane e Andréia. Foi pedido que eles sentassem no tatame e a auxiliar Andréia iniciou ao apresentar a auxiliar Tatiane como uma estudante que precisava que eles respondessem algumas perguntas. Um dos alunos disse que a mãe tinha explicado para ele em casa que isso iria acontecer naquela semana. Outro disse que a mãe também explicou, mas que ele pensou que seria uma contação de história, e outros três alunos disseram ter pensado o mesmo.

A câmera foi mostrada aos alunos e foi explicado que somente a estudante Tatiane poderia filmá-los e assisti-los a fim de conseguir transcrever as respostas de todos e que mais tarde o vídeo seria excluído. Todos concordaram em responder às questões e observou-se que às vezes dois ou três alunos olhavam para a câmera para sorrir depois de uma pergunta que eles achavam fácil ou quando pensavam ter dado uma resposta que pudesse ser considerada correta.

Dos nove alunos que participaram duas meninas não responderam algumas perguntas no início, pois disseram estar com vergonha. Sentaram-se juntas e uma ficou trançando o cabelo da outra. Foi possível notar que estavam prestando atenção tanto nas perguntas, quanto nas respostas dos colegas, pois quando

concordavam, sinalizavam movimentando a cabeça em aprovação, ou em casos de resposta uníssona, em que eles gritavam sim ou não, elas gritavam junto, mas depois não complementavam a resposta. Ao discordar da resposta de um colega as meninas passaram a demonstrar vontade de participar, como de fato passaram a fazer.

Apenas um aluno estava inquieto, levantando e sentando, trocando sempre de lugar. Somente um aluno pedia tempo para pensar, enquanto dois alunos disputavam quem respondia primeiro. No início respondiam juntos, depois todos passaram a levantar o dedo para pedir a vez de falar.

#### 4.2.1 Grupo focal: habilidades de localização

A seguir será apresentada a primeira parte da transcrição do grupo focal, seguida de sua análise.

##### 4.2.1.1 Arranjo da coleção

a) o que você diria que é a biblioteca?

Aluno 1: *“Eu acho que a biblioteca é um lugar pra ler com calma e levar livros.”*

Aluno 2: *“A biblioteca é o lugar...o lugar...que a gente vem pegar livro e depois traz de volta.”*

Aluno 3: *“É um lugar que é pra alugar, porque depois de alguns dias a gente tem que devolver.”*

Aluno 4: *“A biblioteca foi feita pras pessoas lerem e aprender mais sobre os livros.”*

Aluno 5: Não quis responder

Aluno 6: *“Não sei”*.

Aluno 7: *“Não sei”*.

Aluno 8: *“É onde eu pego livro e depois tem que trazer.”*

Aluno 9: Não quis responder.

Quanto às habilidades de localização, sobre o arranjo da coleção, foi possível observar que os alunos tiveram certa dificuldade em definir o conceito de biblioteca. Alguns preferiram não responder, enquanto outros a definiram basicamente como um lugar para pegar livros.

b) os livros ficam guardados em qualquer lugar?

A resposta geral foi “*não*”. O aluno 3 complementou dizendo que: “*tem uns que ficam aqui* (apontando para a mesa), *outros ali* (apontando para a janela) e *lá também* (apontando para as estantes).”.

Sobre a localização dos livros, os alunos mostraram entender que existe uma diferenciação pelas cores das estantes e das fitas da lombada dos livros. Não foram mencionados livros que ficam guardados fora da biblioteca infantil, como os que ficam na sala de leitura onde muitos fazem os temas após as aulas ou até mesmo os da faculdade, que ficam visíveis para eles.

c) como você encontra na estante o livrinho que quer ler?

Aluno 1: “*Procurando*.”.

Aluno 2: “*Vendo as fitas e daí procurar nas fitas*.”.

Aluno 3: “*Vendo as fitas nos primeiros lá* (apontando para as estantes verdes), *só lá nos primeiros*.”.

Aluno 4: “*A gente tem que procurar as nossas fitas certas pra gente poder alugar*.”.

Aluno 5: “*A gente tem que fazer a mesma coisa que eles fizeram e podemos pegar os livros pra levar pra casa*.”.

Alunos 6, 7, 8,9 fizeram sinal positivo com a cabeça.

Tatiane: “*Mas e quando vocês querem um livro específico, vocês vão procurar na estante toda? Não pedem ajuda?* ”.



Aluno 1: “*Não, eu vou pegando e vendo ali. Não tiro todo. Pego ali, puxo assim (fez como se não retirasse todo o livro da prateleira, apenas o suficiente para ler o título) e vejo o nome daí eu guardo se não é e se é eu pego.*”.

Aluno 2: “*A gente pega um de cada vez e vai vendo.*”.

Tatiane: “*mas vocês olham **todos** os livros?* ”

Aluno 1: “*Sim*”.

Aluno 2: “*Sim*”.

O restante concordou com as respostas anteriores.

Quanto a forma de buscar livros na estante a resposta geral não condiz com a habilidade que, de acordo com Kuhlthau (2002) eles deveriam aprender. Por isso duas perguntas não programadas foram feitas, com ênfase em saber se eles olhavam todos os livros para encontrar um específico.

As habilidades de localização ajudam os alunos a entenderem como os materiais são organizados, possibilitando-lhes localizarem uma informação ou um material específico. [...] As habilidades de localização também lhes permitirão conhecer as fontes de informação disponíveis e localizar os materiais e a informação de que necessitam, preparando-os para entender o ambiente informacional mais abrangente. (KUHLETHAU, 2002, p. 20).

Esperava-se que eles soubessem que podem pedir ajuda para as auxiliares da biblioteca, para a professora ou ainda para a auxiliar da professora que os acompanha à biblioteca.

d) você tem cuidados com os livrinhos que leva para casa?

Todos: “*Sim*”. O aluno 4 complementou: “*tem que ter pra devolver*”.

Os alunos demonstraram entender que precisam cuidar dos livros que levam para casa para devolvê-los em boas condições, mas na contação de histórias foi observado que alguns não tiveram cuidado com os livrinhos na hora de retirá-los das prateleiras.

As respostas dos alunos da turma X demonstram que há uma lacuna informacional a ser preenchida principalmente no que diz respeito às formas de encontrar um determinado livro na estante e no entendimento do que é a biblioteca.

#### 4.2.2 Grupo focal: habilidades de interpretação

A seguir será apresentada a segunda parte da transcrição do grupo focal, seguida de sua análise.

##### 4.2.2.1 Técnicas de avaliação e seleção

a) de quem são os livros da biblioteca?

Aluno 1: *“De ninguém(...) De ninguém não, de todo mundo.”*

Aluno 2: *“De todo mundo. Porque todas as pessoas podem alugar.”*

Aluno 3: *“Da biblioteca só que vocês deixam a gente alugar porque tem bastante livros.”*

Aluno 4: *“É do colégio.”*

Aluno 5: Não quis responder.

Aluno 6: *“Não sei.”*

Aluno 7: *“Das bibliotecárias.”*

Aluno 8: *“De todo mundo.”*

Aluno 9: *“É da biblioteca.”*

Quanto às habilidades de interpretação, na primeira pergunta os alunos demonstraram certa incompreensão sobre de quem seriam os livros da biblioteca, apesar do senso comum entre eles apontar que os livros seriam de todos ou da biblioteca.

Ao caracterizar a ação do bibliotecário como uma ação fundamentalmente educativa, estou tentando demonstrar a inevitabilidade de diretrizes teóricas, oriundas da pedagogia, para o trabalho biblioteconômico. Isto porque a pedagogia [...] pode enriquecer as decisões metodológicas e aumentar o grau de

compreensão destas práticas, visando a formação cultural dos leitores. Colocando-se a serviço de professores ou de bibliotecários – aqui tomados agentes de mediação das práticas educativas – os conhecimentos pedagógicos podem orientar mais objetiva e racionalmente as questões voltadas à educação dos leitores. Assim, qualquer projeto ou programa na área de promoção da leitura poderá ser significativamente incrementado ou enriquecido, quando forem consideradas algumas diretrizes pedagógicas para a orientação das práticas e das atividades. (SILVA, 1986, p. 74).

As habilidades de conhecimento da biblioteca podem ser melhoradas através de atividades planejadas e programadas com os alunos, de acordo com o programa de Kuhlthau (2002).

b) você pode levar para casa qualquer livrinho?

Metade dos Alunos disse que sim e metade disse que não ao mesmo tempo. E eles começaram a discutir. A moderadora pediu que eles respondessem um de cada vez, e enquanto isso, o aluno 9 apontou para a estante vermelha e disse baixinho: *"aqueles lá eu não posso."*

Aluno 1: *"Sim, porque todo mundo pode pegar, menos do que três, né?"*

Aluno 2: *"Não, olha lá, é só aqueles"* (apontando para as estantes verdes).

Aluno 3: *"É só da fita verde."*

Aluno 5: *"Então não. Não dá pra levar qualquer livro."*

Aluno 6: *"Não pode, tipo, tem aquele quadro pra ver qual que é o infantil, a nossa cor da fita"*. Os alunos 7,8, e 4 concordaram com o aluno 6.

Aluno 9: *"Tem aqueles GoGirls que não pode, é só os verdes."* (Não respondeu para nós, comentou com outro aluno).

Em um consenso após uma breve discussão entre os alunos, ficou claro que eles compreendem que não podem levar qualquer livro para casa e todos demonstraram compreender um único motivo: a indicação da faixa etária. Nenhum aluno comentou sobre os livros de consulta local que também não podem ser retirados, e alguns demonstraram insatisfação em não poder levar os livros de estantes que não são da cor verde. Um aluno comentou que gostaria de levar um

livro específico, mas que este está em uma estante que ele não pode retirar por ser de cor diferente.

c) além de você e dos seus coleguinhas, quem pode levar livros para casa?

Resposta geral: *“todo mundo”*. Nova discussão, e novamente a moderadora pediu para que eles respondessem um de cada vez.

Aluno 1: *“Só os alunos.”*

Aluno 2: *“Só quem é da escola.”*

Aluno 3: *“Os pais também podem, o meu leva.”*

Aluno 4: *“Os salesianos.”*

Aluno 6: *“Mas eu não sou salesiano e levo. Eu sou batista.”*

Aluno 1: *“Mas tu tá no Colégio Dom Bosco, e tu estuda aqui então são os salesianos que levam.”*

Os alunos 5, 7, 8, 9 concordaram que quem é da escola pode levar.

Sobre a compreensão do uso da biblioteca houve confusão entre as respostas, pois alguns acreditavam que a biblioteca é aberta para qualquer pessoa e pelo entendimento de outros apenas os alunos podem retirar livros. Somente um aluno lembrou que o pai também consegue retirar livros. A conversa entre eles pendeu para o lado da religião, com uma ideia de que apenas os salesianos podem retirar os livros da biblioteca. Ao final de uma breve discussão, os alunos chegaram ao consenso de que só quem é do colégio pode usar a biblioteca para pegar livros emprestados.

Nas atividades para as séries iniciais do programa de Kuhlthau (2002), há uma atividade que poderia aqui ser bem aproveitada, onde um educador ensinaria de quem são os livros, como estes ficam guardados, quem pode retirá-los e outras características básicas que os alunos devem conhecer sobre a biblioteca.

#### 4.2.2.2 Ver, ouvir e interagir

a) que tipos de livros você já viu na biblioteca?

Aluno 1: “*Infantil e de gente grande.*”.

Aluno 2: Começou a ler a placa (Figura 3) e os outros alunos riram chamando o aluno 2 de “*espertinho*”.

Aluno 3: “*Só os que eu vejo ali (apontou para a estante verde), só infantil.*”.

Aluno 4: “*De anjos da guarda.*”.

Os alunos 5, 6, 7, 8, 9 fizeram sinal negativo com a cabeça e não responderam.

**Figura 3** – Tabela de cores



Fonte: ROSA (2016)

Em ‘ver, ouvir e interagir’, as respostas sobre os tipos de livros que os alunos já haviam visto na biblioteca foram insatisfatórias. Os livros foram definidos como infantis e de adultos, e um aluno tentou encontrar o que, para ele, seria a resposta correta, lendo a placa que contém a diferenciação de literaturas de acordo com as cores das fitas da lombada dos livros. Não foram mencionados gibis, livros com mais ou com menos ilustrações e textos. Observou-se que um dos alunos, em dado

momento, afirmou não saber o que seria a consulta local, ao que lhe foi informado que são os livrinhos que não podem ser levados para casa.

Um aluno mencionou como tipo de livro, um livro sobre anjos da guarda, o que demonstra seu conhecimento sobre a diversidade de histórias que ele pode encontrar na biblioteca.

A tarefa primordial do bibliotecário é o serviço com os leitores. Todos os outros serviços, como aquisição, catalogação e classificação etc., são apenas atividades preparatórias para a fase mais importante do trabalho, que é o atendimento aos leitores. O bibliotecário representa o elemento de ligação entre os leitores e a coleção de livros. Na biblioteca escolar, o papel do bibliotecário é de suma importância, porque aí ele tem responsabilidade direta na boa utilização dos livros pelos alunos. Aí, muitas vezes, os alunos estão tendo contato com uma biblioteca pela primeira vez. Compete ao bibliotecário orientá-los e ensiná-los a utilizar a biblioteca, tanto como centro de informação como de instrução ou recreação. A clientela da biblioteca escolar é de dois tipos: os alunos e os professores. Para com os alunos o bibliotecário tem as seguintes tarefas:

- a) ensinar-lhes o uso da biblioteca e dos materiais de consulta;
- b) orientá-los nas pesquisas necessárias à execução dos trabalhos escolares ou nas leituras complementares aos planos estudo;
- c) procurar guiá-los nas leituras recreativas, sugerindo livros apropriados a cada idade, gosto e temperamento.

Para com os professores, o bibliotecário tem a tarefa de mantê-los a par da literatura de sua matéria e colaborar com eles no planejamento de atividades para os alunos, relacionados com a biblioteca. (CARVALHO, 1972, p. 66).

Os sujeitos de estudo estão em fase de alfabetização e já possuem o conhecimento necessário para diferenciar tipos de livros, o que, infelizmente, não foi observado.

- b) O que acontece se vocês atrasarem a devolução de algum livro?

Aluno 1: *“A gente tem que pagar multa da biblioteca.”*

Aluno 2: *“Um dia eu tava com um livro que eu pensei que tava muito atrasado e ia ter muita multa mas eu trouxe bem no dia certo, e eu nem sabia o dia. Foi muita sorte.”*

Aluno 3: *“Se atrasar paga multa, tem que trazer no dia certo.”*

Os Alunos 4, 5, 6, 7, 8, 9 concordaram.

Quanto à compreensão de rotinas da biblioteca, a questão sobre as multas teve respostas que confirmaram o conhecimento de todos sobre a penalidade aplicada em caso de atraso na devolução de materiais. O comentário que complementou a resposta do Aluno 2 deixa claro que este não soube verificar a data de devolução do livro carimbada na ficha que fica anexada à última página do livro; lembrando que no momento do empréstimo as auxiliares mostram o carimbo e falam a data de devolução.

c) o que você gostaria de fazer na biblioteca mas não pode?

Aluno 1: *“Instalar uma televisão e trazer meu videogame pra cá.”*

Aluno 2: *“Tocar bateria e guitarra. Aqui seria um lugar legal pra isso. Posso dizer mais coisa? Derrubar todas as estantes tipo...”* (Falou inclinando o corpo na diagonal)

Aluno 3: *“Jogar futebol porque é grande aqui.”*

Aluno 4: *“Jogar futebol, dá pra colocar uma goleira ali* (apontou para as janelas) *e a outra lá* (apontou para as estantes verdes).”

Aluno 5: *“Correr e gritar.”*

Aluno 6: *“la ser legal se desse pra abrir as janelas e ficar jogando bola, tipo vôlei”*

Aluno 7: *“Pegar livros de fitas diferentes.”*

Aluno 8: *“Pegar livro, poder levar pra casa e nunca mais entregar.”*

Aluno 9: *“Ler e aprender.”*. Interferimos dizendo que isso podia ser feito, mas o aluno insistiu que é o que ele mais gosta de fazer ali.

As respostas dadas com relação ao que os alunos gostariam de fazer na biblioteca e não podem, deixa evidente o conhecimento deles sobre as regras da biblioteca, tais como fazer silêncio, não correr ou não jogar. É interessante verificar que eles gostariam de utilizar o espaço para brincadeiras, o interesse pela leitura de livros tidos por eles como proibidos por serem recomendados para outras faixas etárias, e o interesse particular de um aluno em levar os livros para casa e não precisar devolvê-los.

Já está se tornando comum a utilização de jogos em bibliotecas públicas infantis e escolares. [...] Parece que a situação ideal seria, [...] que na biblioteca, houvesse uma sala reservada para jogar, em que um bibliotecário, ou educador [...] ensinasse as regras dos jogos e participasse dos mesmos. Assim, poderia conhecer melhor os usuários [...]. Cabe ao bibliotecário atrair as pessoas à sua biblioteca, e os jogos são uma boa maneira de atraí-las, transformando-as de meros visitantes a usuários frequentes, que virão, com o tempo, não apenas para jogar, mas para conversar, ler, e obter dessa biblioteca todas as vantagens que ela possa lhe oferecer. (PEREZ, 1985, p. 68-70)

Ainda sobre os jogos na biblioteca,

O encantamento que carrega o brincar traz, muitas vezes, para o educador dúvidas relacionadas ao ato lúdico, como: até que ponto, ou em que medida, as brincadeiras refletem o real desejado ou é apenas o reflexo do real vivenciado pela criança? Até que ponto as representações originadas no brincar expressam padrões de conduta de contextos culturais de cada tempo e espaço ou as fantasias e desejos que, na condição de criança, não se pode realizar? Quais as suas implicações no desenvolvimento global da criança? As ações que ocorrem na brincadeira anunciam ou denunciam formas de compreensão de homem e de mundo; são desejáveis e caminham na perspectiva de um ser humano mais harmônico, integrado com seus pares e com a natureza? (VECTORE; KISHIMOTO, 2001, p. 59).

Para Vectore e Kishimoto (2001, p. 59): “Piaget entende o brincar como fator de desenvolvimento cognitivo e forma de adequação ao mundo externo, um aspecto ativo, agradável e interativo do desenvolvimento intelectual.”. Para algumas brincadeiras mencionadas nas respostas, os alunos possuem a Brinquedoteca; que se localiza no 1º andar do colégio, próxima às salas de aula; bem como o pátio com quadras poliesportivas, o ginásio e uma pracinha.

Quanto a sugestão do uso de *videogame*, cabe ressaltar que pensamos que o aluno deu esta resposta por sentir-se confortável na biblioteca infantil e pela possibilidade de jogar com seus colegas de aula. Na literatura verificou-se que a *American Library Association* (ALA) é responsável pela criação de conferências e eventos que discutem o assunto nos Estados Unidos. A ALA disponibiliza um espaço na *internet* para que bibliotecários interessados em inserir o *videogame* como meio de incentivo à cultura, como forma de aprendizagem e de interação entre seus usuários, possam discutir e conhecer formas de adaptar o *videogame* à



biblioteca. No site<sup>13</sup> é possível perceber que a ALA inclusive cita as diversas habilidades informacionais que podem ser desenvolvidas com o uso de jogos.

A biblioteca infantil possuía jogos para os alunos se divertirem no recreio, mas no segundo semestre de 2015 os jogos foram retirados da biblioteca pela observação da falta de peças de jogos de xadrez, bem como a falta de cuidado com jogos como 'Cara a Cara' e 'Jenga'. Além de ocasionalmente os alunos brigarem por causa dos jogos, especialmente em dias chuvosos, quando faltavam jogos e sobravam possíveis jogadores na biblioteca.

#### 4.2.2.3 *Apreciação literária*

a) dos livrinhos que já leu, qual o preferido?

Aluno 1: *"O gibi do grêmio."*

Aluno 2: *"O gato de botas. Ah, A galinha ruiva."*

Aluno 3: *"Os bichos."*

Aluno 4: *"Aquele lá (apontou) do Bob Esponja."*

Aluno 5: *"Não. Nenhum."*

Moderadora: *"Não tem nenhum preferido? Dos que você já pegou aqui, qual que mais gostou, que foi mais interessante?"*

Aluno 5: *"Não pego livros daqui, só faço tema de casa aqui.."*

Aluno 6: *"Gibi da Turma da Mônica. "*

Aluno 7: *"Diário de um banana."*

Aluno 8: *"Aquele dos dragões."*

Aluno 9: *"Eu não sei, porque eu já peguei tanto livro.... Tá! Já sei, A caneta falante."*

b) e qual seu personagem preferido?

Aluno 1: *"Pode ser de desenho? .... Já sei, o Boitatá."*

Aluno 2: *"A galinha ruiva e o gato de botas."*

---

<sup>13</sup> GAMES and literacy. Disponível em: <<http://www.ala.org/gamert/games-and-literacy>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

Aluno 3: “*O gato de botas.*”.

Aluno 4: “*A mula sem cabeça.*”.

Aluno 5: “*Não sei.*”.

Aluno 6: “*A mula sem cabeça.*”.

Aluno 7: “*O João do pé de feijão.*”.

Aluno 8: “*Não sei.*”.

Aluno 9: “*A caneta.*”.

Da apreciação literária observada através de duas questões, notamos que os alunos pensaram bastante antes de escolher o livro e o personagem preferido de cada um, o que indica que eles conhecem muitas histórias. Fomos surpreendidas por um aluno que disse não ter nem livro e nem personagem preferido. O mesmo, que respondeu à questões anteriores demonstrando conhecer a biblioteca, afirmou que não a utiliza por ter livros em casa, mas mesmo assim não quis apontar um livro ou um personagem que mais gostasse.

Todas as propostas pedagógicas, hoje, são unânimes em afirmar que querem uma educação transformadora, libertadora, emancipatória, inclusiva, etc. Propõem-se também a “construir conhecimento”. O que se busca é uma educação que promova a cidadania. Vemos que a escola sabe o tipo de educação que quer fazer mas não sabe *como* fazê-la. [...] Os sujeitos envolvidos no processo ensino-aprendizagem nem sempre são sujeitos leitores. Em razão disso, toda a proposta pedagógica da escola fica comprometida. [...] Portanto, a melhora na qualidade de ensino que tanto buscamos só será alcançada quando a escola conseguir, de fato, formar leitores. Quando a escola obtiver sucesso nessa que é a sua maior e mais importante tarefa. Não podemos esquecer também que em uma sociedade letrada como esta em que vivemos, a leitura é condição primeira, indispensável para o exercício pleno da cidadania. Assim, se o professor das séries iniciais tiver sucesso em iniciar seus alunos pelos caminhos da leitura através da literatura, e os professores das etapas seguintes derem continuidade a este trabalho, temos certeza de que a escola brasileira conseguirá dar um grande salto de qualidade [...]. (FRANTZ, 2011, p. 17-18).

Somente outro aluno não soube escolher um personagem preferido, mas após o grupo focal, este comentou com a estudante Tatiane que eram muitos personagens e ele não poderia escolher apenas um.

Uma educação significativa demanda a realização de atividades de leitura na biblioteca, e não exclusivamente pesquisas escolares. Uma **educação integral** é necessária para a garantia de formação ampla

que possibilite o respeito às diferenças e o acesso à cultura, à ciência, à literatura e ao exercício de cidadania. Nosso país tem a maioria da sua população com pouco hábito de leitura devido ao processo histórico excludente e de sua ausência na educação, cenário que apenas mais recentemente em nossa história começa a mudar. [...] A educação deve promover a cidadania, formar alunos que se situem no mundo de forma crítica e contextualizada, de forma a superar preconceito, viver em comunidade, valorizar sua identidade, respeitar o meio ambiente e fortalecer uma cultura de paz. A biblioteca escolar é um grande e importante passo nessa direção. (SILVA FILHO, 2015, p. 5-6, grifo do autor).

No final a moderadora Andréia perguntou se eles gostavam de ir à biblioteca e se gostavam das “tias” da biblioteca, as duas respostas foram positivas.

**O que garante a existência da biblioteca na escola é o uso que dela é feito.** Isto só acontece quando esse espaço é organizado, dinâmico, vivo, frequentado por alunos, professores, direção e técnicos da escola, e até pelas famílias dos alunos. Isto é, quando ela se torna o centro da escola. (ANTUNES, 2007, p. 57, grifo do autor).

Tornar a biblioteca o centro, o coração do colégio, é um desafio que pode ser superado através de um trabalho em conjunto com os educadores, que pratique a leitura e utilize a biblioteca como um espaço de aprendizagem, um espaço lúdico, que oferece educação, imaginação, diversão, lazer e promove a união.

Ainda que na escola se destaque a autonomia na relação com o conhecimento – saber o que se quer saber, como fazer para buscar informações e possibilidades de desenvolvimento de tal conhecimento, manter uma postura crítica comparando diferentes visões e reservando para si o direito de conclusão, por exemplo – ela não ocorre sem o desenvolvimento da autonomia moral (capacidade ética) e emocional que envolvem auto-respeito, respeito mútuo, segurança, sensibilidade, etc. [...] Por isso é importante que desde as séries iniciais as propostas didáticas busquem, em aproximações sucessivas, cada vez mais essa meta. (MARTÍNEZ; CALVI, 1998, p. 147).

Foi observado que os alunos falaram diversas vezes em alugar livros, quando deveriam falar em levá-los emprestados. Quanto a esta confusão entre empréstimo e aluguel a bibliotecária e as auxiliares explicaram que, quando conseguem, os corrigem explicando a diferença entre um e outro, enfatizando que eles não pagam nada para levar os livrinhos para casa, que os livros são de todos e eles apenas levam-nos emprestados e depois devolvem para que outros coleguinhas também consigam ler a mesma obra, sem nenhum custo, como teria um aluguel.

As habilidades de interpretação,

[...] ajudam os alunos a entender e a usar os materiais. [...] As atividades dessa categoria ajudam os alunos a entender e usar materiais da biblioteca, começando com as primeiras experiências de hora do conto e continuando com atividades de pesquisa nas etapas mais avançadas. (KUHLTHAU, 2002, p. 21).

As respostas dos alunos da turma X revelaram dúvidas. As dúvidas geraram discussões em alguns momentos do grupo focal, o que demonstra que os alunos possuem a capacidade de interagir, discutir, criticar, ouvir e aprender; mas ao mesmo tempo demonstra outra lacuna informacional a ser preenchida, pois apesar da compreensão de que a biblioteca é utilizada por várias pessoas, houve dúvidas quanto a quem pode utilizá-la, por exemplo, e cinco dos nove alunos não souberam especificar diferentes tipos de livros vistos na biblioteca.

Já quanto sobre a apreciação literária, os alunos demonstraram o gosto pela leitura, com curiosidade inclusive sobre livros indicados para outras séries. Observa-se que por se tratar de uma turma de 1º ano, que está em fase de alfabetização, a leitura é muito utilizada pelas professoras, seguida de atividades que tratam da interpretação do que foi lido com diversas atividades semanais, como pode ser observado no ANEXO B.

#### 4.3 PLANO DE ENSINO

O plano de ensino de letramento das turmas do 1º ano do ensino fundamental do Colégio Dom Bosco (ANEXO A), apresenta programas de atividades que desenvolvem as habilidades informacionais mencionadas por Carol Kuhlthau, mas trazem liberdade para que as professoras as realizem em sala de aula ou no local do colégio que acharem mais apropriado.

Em conversa com as auxiliares da biblioteca, as mesmas afirmaram que a atividade que as turmas do 1º ano costumam realizar na biblioteca é a Hora do Conto, realizadas pelas professoras das turmas, mas que mesmo tendo um período de aula fixo semanal destinado ao uso da biblioteca, é comum que este horário seja usado apenas para que os alunos realizem as rotinas de devolução e empréstimo.

Uma professora das séries iniciais confirmou que é comum que a Hora do Conto seja realizada em sala de aula. A professora afirmou que os alunos estão em

fase de alfabetização e que em cada semana é trabalhado um livro com diferentes temáticas, e que, após a leitura, diversas atividades são realizadas em cima da temática escolhida durante a semana, como pode ser observado no ANEXO B.

Sobre os motivos que levam as professoras a optar por fazer a Hora do Conto em sala de aula, foi citado (pelas auxiliares da biblioteca e também por uma professora) apenas o tempo que é desperdiçado para que os alunos se encaminhem para a biblioteca (desde a arrumação de seus materiais escolares, formação de fila, até a organização da disposição dos alunos na biblioteca infantil para assistirem a contação de história, o tempo gasto para a escolha dos livros para empréstimos somado com o tempo necessário para as rotinas de empréstimo, renovações, acerto de multas, que acabam por diminuir o tempo disponível para a atividade a ser realizada, que é de apenas um período – 50 minutos).

A biblioteca infantil oferece seu espaço para outras atividades que não apenas a contação de histórias; três semanas após a realização do grupo focal a biblioteca recebeu um autor de literatura infantil que contou histórias e fez ilustrações junto aos alunos de diversas turmas, por exemplo.

#### 4.3.1 Relação das atividades

Nesta seção serão relacionadas as atividades propostas no programa de Carol Kuhlthau (2002) com as atividades de letramento do plano de ensino do Colégio Dom Bosco (ANEXO A).

**Quadro 3** – Atividades do plano do Colégio

Atividades e apresentações em grupo	Brincadeiras
Caças- palavras	Confecção de crachás e outras formas de identificação
Confecção de isogravuras e convites	Confecção de portadores de texto, como murais, painéis e livrinhos
Correspondências entre nome e imagem	Desenhos livres e com diferentes propostas
Diferentes formas de registro, seguindo ordem temporal e lógica	Dinâmicas de integração
Discriminação de elementos diferentes em determinadas listas	Dobraduras

Exploração das letras de músicas	Exploração de frases ditas por personagens conhecidos
Explorações dos traçados das letras	Folhas de atividades
Explosões de ideias	Hora do conto
Folhas padronizadas	Jogos
Indicações de atributos para que os elementos do grupo sejam diferenciados dos demais	Momentos de conversa
Leitura, Compreensão e interpretação de diferentes portadores de texto	Produção textual
Pesquisas de diferentes propostas	Recorte e colagem

Fonte: Adaptado do Anexo A – Plano anual de letramento

As atividades do programa de Kuhlthau (2002) envolvem hora do conto, o envolvimento da criança com a poesia, a conversação sobre significados encontrados em diversas histórias, o uso de material audiovisual e a criação e compreensão da biblioteca como espaço coletivo.

Nas habilidades de localização, o programa sugere atividades que ocorrem dentro da biblioteca, com o professor ou o bibliotecário explicando como os livros são guardados, conservados e encontrados, comparando-os com casas, com endereço nas ruas que seriam as prateleiras, ensinando-os a não guardar os livros em qualquer lugar ou de qualquer maneira, mostrando as etiquetas que os livros possuem e o porquê de cada uma. A autora sugere que essa atividade pode ser repetida várias vezes durante o ano.

Nas habilidades de interpretação, Kuhlthau (2002) sugere atividades que tem o objetivo de trazer para as crianças a compreensão de que os vários livros da biblioteca pertencem a todos e podem ser levados para casa ou usados no local.

Outras atividades sugeridas pela autora atraem os alunos pela curiosidade e lhes ensinam a selecionar o que gostam de fato dentre todas as opções que podem surgir à sua frente e ensinam também os cuidados que se deve ter com os livros. A autora também sugere atividades que envolvem o uso de outras plataformas de informação, como o computador, a televisão, slides, histórias narradas em CDs, ou ainda a leitura de um livro seguido de sua versão em filme, incentivando o desenvolvimento da habilidade de reagir ao que é visto e ouvido, de interagir com diferentes meios disponíveis para encontrar informações e para apreciar a leitura.

Uma atividade proposta no programa de Kuhlthau se relaciona em especial com as atividades descritas no plano de ensino do 1º ano; pois a autora propõe uma atividade chamada “Rimar e brincar” (KUHALTHAU, 2002, p. 48): “Esta atividade permite explorar oralmente a sonoridade, o ritmo e rima das palavras, estimulando as crianças a apreciar o texto poético.”; enquanto que nas atividades citadas no plano do colégio podemos observar o planejamento de brincadeiras, dinâmicas de integração, exploração dos traçados das letras, que se entrelaçam com as habilidades citadas na seção seguinte, em especial com as habilidades de ler, observando a relação entre a sonoridade e a escrita; identificar como ocorrem e como produzir rimas.

A biblioteca é um bom ambiente para o desenvolvimento dessas atividades e cabe ressaltarmos que cada atividade proposta no programa foi pensada de maneira a não ultrapassar o tempo de 30 minutos, mas algumas podem exigir mais de uma aula para seu desenvolvimento completo.

#### 4.3.2 Relação das habilidades

Nesta seção serão relacionadas as habilidades informacionais indicadas por Carol Kuhlthau (2002) com as habilidades informacionais indicadas pelo plano anual do Colégio Dom Bosco (ANEXO A).

**Quadro 4 – Habilidades desenvolvidas no plano do Colégio**

Comparar palavras quanto ao número de sílabas	Compreender a escrita a leitura nas cantigas de roda, parlendas e adivinhas
Compreender que a escrita, em geral, se orienta da esquerda para a direita e de cima para baixo, mas que isso pode variar dependendo do gênero textual e do meio de circulação	Compreender que as frases são delimitadas por sinais de pontuação
Comunicar-se oralmente com colegas e adultos de forma clara e organizada	Desenvolver processos de escrita da autoria das crianças desenvolver mediação de leitura com foco na formação do leitor
Distinguir texto em verso de texto em prosa	Escutar e interpretar textos orais
Favorecer experiências de leitura	Identificar as diferenças entre letras,

	números, desenhos e outros sinais gráficos
Identificar como ocorrem as rimas e produzi-las	Identificar e construir rimas e aliteraões
Identificar no alfabeto vogais e consoantes	Identificar o emissor e destinatário das mensagens
Identificar os usos de p, b, t, d, f, v	Ler, em voz alta textos
Ler, observando a relação entre a sonoridade e a escrita	Produzir pequenos textos de diferentes gêneros textuais
Reconhecer as diferentes letras do alfabeto assim como o seu som	Reconhecer as letras do alfabeto a partir do nome próprio e de situações do cotidiano
Reconhecer unidades fonológicas, como sílabas, rimas, terminações de palavras e fonemas	Utilizar corretamente o traçado da letra bastão

Fonte: adaptado do Anexo A – Plano anual de letramento

No Quadro 4 é possível observar que as habilidades definidas pelo colégio estão voltadas para a alfabetização e a formação de leitores, o que se encaixa com as habilidades definidas por Kuhlthau (2002) dentre parte das habilidades de interpretação.

O plano de ensino de letramento do Colégio para o 1º ano prevê atividades que pretendem desenvolver as habilidades citadas no Quadro 4, que possuem relação com as habilidades citadas por Kuhlthau (2002), como pode ser visto a seguir no Quadro 5, e que apesar de não envolverem habilidades informacionais específicas da biblioteca, estimulam a leitura na fase de alfabetização, a formação de leitores-escritores, o que é o ponto central para a formação de alunos curiosos, que futuramente terão interesse em buscar a biblioteca para conhecer diversos tipos de literatura, definir suas preferências e também para compreender como funciona um ambiente de informação.



**Quadro 5 – Comparação de habilidades informacionais**

<b>Habilidades definidas por Kuhlthau (2002) Para a Fase 1, Etapa 1</b>	<b>Habilidades definidas no plano anual de letramento do Colégio para o 1º ano</b>	<b>Relação entre as habilidades</b>
<p>a) sabe que os materiais da biblioteca estão organizados numa determinada ordem;</p> <p>b) está desenvolvendo a compreensão de sua responsabilidade na manutenção da ordem dos materiais;</p> <p>c) consegue, com ajuda do bibliotecário, escolher um livro para levar para casa por empréstimo;</p> <p>d) consegue cuidar dos livros que levou por empréstimo ou que usa na biblioteca;</p> <p>e) dá conta de seguir as rotinas de empréstimo;</p> <p>f) sabe que a biblioteca tem livros para emprestar e usar;</p> <p>g) sabe que muitas crianças usam a biblioteca.</p>	<p>Não apresenta habilidades definidas para o uso da biblioteca.</p>	<p>O Plano anual de letramento (ANEXO A) não apresenta habilidades relacionáveis com as habilidades informacionais específicas de uso da biblioteca.</p>
<p>h) está desenvolvendo habilidade de observar as imagens e sons da história;</p> <p>i) está desenvolvendo habilidade de reagir ao que é visto e ouvido;</p> <p>j) sabe que existem muitos</p>	<p>a) compreender a escrita a leitura nas cantigas de roda, parlendas e adivinhas;</p> <p>b) compreender que a escrita, em geral, se</p>	<p>Relação direta quanto às habilidades de observação, reação, interpretação e apreciação literária da coluna 1 e as habilidades de</p>

<p>livros de histórias e de imagens na biblioteca;</p> <p>k) tem alguns livros e personagens preferidos;</p> <p>l) começa a desenvolver a capacidade de apreciar as peculiaridades de diversos tipos de poemas.</p>	<p>orienta da esquerda para a direita e de cima para baixo, mas que isso pode variar dependendo do gênero textual e do meio de circulação;</p> <p>c) comunicar-se oralmente com colegas e adultos de forma clara e organizada;</p> <p>d) distinguir texto em verso de texto em prosa;</p> <p>e) escutar e interpretar textos orais;</p> <p>f) identificar como ocorrem as rimas e produzi-las;</p> <p>g) ler textos em voz alta;</p> <p>h) ler, observando a relação entre a sonoridade e a escrita;</p> <p>i) produzir pequenos textos de diferentes gêneros textuais.</p>	<p>compreensão, comunicação, interpretação, identificação, leitura e produção de textos da coluna 2.</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: adaptação entre o Quadro 2 – Lista de habilidades e o Quadro 4 – Habilidades desenvolvidas no plano do Colégio

Observa-se também que não há no plano de letramento do 1º ano habilidades informacionais que possam se relacionar com as habilidades definidas por Kuhlthau (2002), como descrito na primeira coluna do Quadro 5, de a – g. As mesmas habilidades podem ser adquiridas pelos alunos com o aumento da frequência de atividades realizadas na biblioteca.

As habilidades da primeira coluna do Quadro 5, de h – l, possuem relação com as habilidades descritas na segunda coluna do mesmo quadro. Esta relação é direta, pois é possível perceber em ambas a preocupação com a formação de leitores, com o conhecimento de diferentes gêneros de literatura e também com a habilidade dos alunos em observar, interpretar e comunicar.

Habilidades como a compreensão das ligações entre textos e imagens, a interação entre as crianças, a prática da oratória com boa comunicação, o desenvolvimento da escrita, a formação do leitor, a interpretação de textos, podem ser desenvolvidas com o apoio da biblioteca.

Quanto mais a biblioteca for utilizada para as atividades que desenvolvem as habilidades citadas acima, as habilidades de localização e as de interpretação definidas por Kuhlthau (2002), que falam especificamente em conhecimentos do ambiente da biblioteca (como por exemplo, seguir as rotinas de empréstimo) serão ensinadas aos alunos conforme surgirem suas necessidades. Manter os alunos afastados da biblioteca dificulta este aprendizado, visto que a mesma não possui um programa para a educação de seus usuários. Cabe aos professores e aos bibliotecários descobrir formas de aproveitar o espaço da biblioteca, utilizando o tempo disponível para cada turma da maneira mais eficiente possível.

A base da aprendizagem da competência informacional inicia-se justamente na fase estudada, que se refere à primeira etapa da primeira fase do programa de Kuhlthau (2002) e que pode servir de modelo para que os educadores iniciem um processo contínuo que envolve as habilidades referentes à biblioteca na educação dos pequenos, adequadas para a faixa etária destes, não apenas para a formação de leitores, mas também para o início da formação de usuários que serão capacitados para o uso de ambientes de informação de forma autônoma.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo buscou analisar as atividades de usuários realizadas na biblioteca e relacioná-las com as atividades propostas por Carol Kuhlthau (2002). Para tanto, foi preciso iniciar identificando a educação de usuários na biblioteca e constatamos que esta educação é feita de maneira informal, sem planejamento, tanto pelas professoras quanto pelo pessoal da biblioteca. No início do ano letivo cada turma recebe, ao ir à biblioteca pela primeira vez, uma breve explicação das normas para uso da biblioteca, e ao longo do ano as informações são reforçadas no momento em que emergem as dúvidas dos alunos. Este tipo de educação de usuários tem sua importância por sanar dúvidas pontuais conforme elas surgem, mas pode fazer com que alunos mais tímidos, ou que não conseguem expressar suas dúvidas, não tenham essas informações e não tenham a oportunidade de adquirir estes conhecimentos.

Com a observação da contação de história, vimos alunos interessados, e em pleno desenvolvimento de habilidades de interpretação, observando imagens e reagindo ao que foi visto e ouvido, interagindo com a professora, com os colegas e com a história. O plano semanal (ANEXO B) foi cedido pela professora da turma X para exemplificar como o incentivo à leitura é programado para os alunos em fase de alfabetização, pois a cada semana, além dos livros que eles levam emprestados para casa, outro livro é escolhido para ser trabalhado com as turmas, ensinando aos alunos a variedade de histórias existentes e tudo que pode ser aprendido através de uma única historinha.

Observamos logo após a contação de história, o comportamento dos alunos com as rotinas de empréstimo. Surgiram algumas dúvidas quanto à quais livros poderiam ser retirados, alguma falta de cuidado com os livros retirados das estantes e a mesma situação relatada no grupo focal, em que os alunos olham livro por livro nas estantes para escolher os que vão levar emprestados.

No grupo focal os alunos iniciaram demonstrando dificuldade na definição do local em que estávamos. Para exemplificar as lacunas informacionais mencionadas, cito que os alunos criaram um conceito para a biblioteca utilizando o conhecimento que possuem e a definiram como um local para pegar livros; mas ao mesmo tempo demonstraram ter a habilidade de apreciação literária, por saberem que a biblioteca

possui muitos livros com diversas histórias e por terem a capacidade de escolher livros e personagens prediletos; enquanto que os mesmos alunos demonstraram não ter o conhecimento necessário para encontrar um livro específico dentre todos os de fita verde, pois para resolver este problema poderiam simplesmente pedir a ajuda da bibliotecária ou de suas auxiliares.

As dificuldades enfrentadas para que todos os alunos tenham a atenção necessária na aprendizagem das habilidades informacionais possuem uma complexidade diferenciada, visto que o Colégio Dom Bosco de Porto Alegre possui alunos com diferentes graus de autismo, alunos com síndrome de down e necessidades especiais. Estes alunos possuem um acompanhamento especial e diferenciado, e na luta do Colégio pela inclusão social, é indispensável que a biblioteca busque junto aos professores as melhores formas inclusivas de trabalhar com as singularidades de cada um.

Sem um programa de usuários para avaliar, buscamos o plano de ensino do 1º ano do Ensino Fundamental, em específico a parte do plano anual que trata do letramento. Os resultados da relação das habilidades e das atividades deste plano com as habilidades e atividades propostas no programa de Kuhlthau (2002) demonstram a preocupação de ambos com a apreciação literária, com a formação de leitores, que deve ter início nesta fase de alfabetização. O plano analisado deixa livre para que os professores escolham como e onde realizar as atividades e o ideal é que a biblioteca seja mais utilizada para estes fins, pois além de acostumar os alunos com o ambiente, com a variedade de livros, com suas regras de uso; esse costume deve incitar a curiosidade dos alunos conforme eles conheçam mais do ambiente que estão frequentando e tudo que ele pode oferecer. Com esta curiosidade aguçada, os alunos terão interesse pela biblioteca e a educação de usuários será mais extensa, se feita de maneira informal, atingindo um número maior de alunos.

Ainda assim, recomendamos a criação de um programa de educação continuada, planejada e programada para cada fase de aprendizagem, que pode utilizar o programa desenvolvido por Kuhlthau (2002) como base, pois uma característica importante deste programa e que não deve ser esquecida é a sua capacidade de adaptação. Os pontos que destacamos é que seja um programa contínuo, avaliado conforme a satisfação dos usuários e os resultados obtidos, e que, conforme surjam possíveis lacunas ele seja corrigido, mas não seja

abandonado. Por ser um programa de educação continuada, é preferível que os alunos e os educadores experimentem estas possibilidades por um tempo maior, e para a avaliação dos resultados obtidos o ideal seria uma avaliação semestral ou anual, conforme decisão da biblioteca.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Vera Lúcia Furst Gonçalves. Pesquisa escolar. In: CAMPELLO, Bernadete dos Santos et al. **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 25-28.
- ANTUNES, Walda de Andrade et al. **Lendo e formando leitores: orientações para o trabalho com a literatura infantil**. São Paulo: Global, 2007.
- APPOLINARIO, Fabio. **Metodologia da ciência: filosofia e prática da pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila; BRAGA, Rogério Manoel de Oliveira; VIEIRA, Wellington Oliveira. A contribuição de C. Kuhlthau para a ciência da informação no Brasil. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 185-198, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/439>>. Acesso em: 30 abr. 2016.
- BARCELLOS, Gládis Maria Ferrão; NEVES, Iara Conceição Bitencourt. **Hora do conto: da fantasia ao prazer de ler: subsídios a sua realização em bibliotecas públicas e escolares**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1995.
- BONOTTO, Martha Eddy Krummenauer Kling. Reflexões sobre a Biblioteca Escolar. In: **Saberes Específicos**. Porto Alegre: SMED, 2007. p. 161-176. (Conversações pedagógicas na cidade que aprende, 3).
- CAMPELLO, Bernadete Santos. A competência informacional na educação para o século XXI. In: \_\_\_\_\_ et al. **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- \_\_\_\_\_. A escolarização da competência informacional. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo: Nova Série, v. 2, n. 2, p. 63-77, dez. 2006.
- \_\_\_\_\_. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da informação**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 28-37, dez. 2003. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-19652003000300004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652003000300004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 24 abr. 2016.
- \_\_\_\_\_. Perspectivas de letramento informacional no Brasil: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 15, n. 29, p. 184-208, maio 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2010v15n29p184>>. Acesso em: 16 out. 2016.
- CAREGNATO, Sonia Elisa. O desenvolvimento de habilidades informacionais: o papel das bibliotecas universitárias no contexto da informação digital em rede.

**Revista de Biblioteconomia e Comunicação** (UFRGS), Porto Alegre, v. 8, p. 45-53, 2000.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2007.

COLÉGIO DOM BOSCO (PORTO ALEGRE, RS). **Colégio Salesiano Dom Bosco Porto Alegre: 60 anos**. Porto Alegre: Colégio Dom Bosco, 2012.

COMISSÃO BRASILEIRA DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS E ESCOLARES. **Bibliotecas públicas e escolares**. Brasília: ABDF, 1982.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 23-35, abr. 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-19652003000100003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652003000100003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 30 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. **A Information Literacy e o papel educacional das bibliotecas**. 187 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2001.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à biblioteconomia**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2007.

FRANTZ, Maria Helena Zancan. **A literatura nas séries iniciais**. Petrópolis: Vozes, 2011.

FUNDAMENTOS de métodos de pesquisa em administração. Joseph F. Hair Jr. et al.; tradução Lene Belon Ribeiro. Porto Alegre: Bookman, 2006.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 19 jun. 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Maria Elasir S.; BARBOSA, Eduardo F. **A técnica de grupos focais para obtenção de dados qualitativos**. Belo Horizonte: [s.n.], 1999. Disponível em: <[http://www.tecnologiadeprojetos.com.br/banco\\_objetos/%7B9FEA090E-98E9-49D2-A638-D3922787D19%7D\\_Tecnica%20de%20Grupos%20Focais%20pdf.pdf](http://www.tecnologiadeprojetos.com.br/banco_objetos/%7B9FEA090E-98E9-49D2-A638-D3922787D19%7D_Tecnica%20de%20Grupos%20Focais%20pdf.pdf)>. Acesso em: 25 abr. 2016.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 24, p. 149-161, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X2002000300004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2002000300004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 29 abr. 2016.



INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS; UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION. **Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar**. São Paulo: IFLA; UNESCO, 2000. Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2016.

KUHLTHAU, Carol C. **Como usar a biblioteca na escola**: um programa de atividades para o ensino fundamental. Traduzido e adaptado por Bernadete Santos Campello et al. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LANCASTER, F. Wilfrid. **Avaliação de serviços de bibliotecas**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

LITTON, Gaston. **Bibliotecas escolares**. Buenos Aires: Bowker Editores Argentina, 1974.

MARTÍNEZ, Lucila; CALVI, Gian. **Escola, sala de leitura e biblioteca criativas**: o espaço da cidadania e da comunidade. 3. ed. Petrópolis: Autores & Agentes & Associados, 1998. (Escola e Comunidade).

MATA, Marta Leandro da; SILVA, Helen de Castro. Biblioteca escolar e a aplicação da proposta da competência em informação no ensino fundamental. **CRB-8 Digital**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 28-39, dez. 2008. Disponível em: <<http://revista.crb8.org.br/index.php/crb8digital/article/view/17>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê, 2002.

\_\_\_\_\_. **Ordenar para desordenar**: centros de cultura e bibliotecas públicas. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MORO, Eliane Lourdes da Silva et al. (Org.). **Biblioteca escolar**: presente! Porto Alegre: Evangraf, 2011.

MOSER, Assis. Dom Bosco e a espiritualidade. In: CONHECER Dom Bosco: temas de salesianidade. São Paulo: Arte Brasil, 2013. p. 69-89.

PELLISSARO, Regina Dioga; MOURA, Ana Maria Mielniczuk de. Desenvolvimento de habilidades informacionais: um estudo das atividades de educação de usuários aplicadas na Biblioteca do Colégio Israelita. **Informação & Informação**, v. 20, n. 1, p. 279-302, jun. 2015. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/14867>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

PEREZ, Maria José Coelho. Jogos em bibliotecas. In: DURO, Yvette Zietlov (Coord.). **Entrelinhas**. Porto Alegre: UFRGS, 1985. (Estudos de Biblioteconomia; 1). p. 68-71.

SANDRINI, Marcos. Dom Bosco e os jovens: um binômio inseparável. **Atitude: Construindo Oportunidades**, Porto Alegre, v. 5, n. 10, p. 9-26, jul./ago. 2011.

Disponível em:

<<http://www.faculdade.dombosco.net/downloadAnexo.php?type=faculdade&id=30>>.

Acesso em: 07 abr. 2016.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. 2. ed. São Paulo: Papyrus, 1986.

SILVA, Waldeck Carneiro da. **Miséria da biblioteca escolar**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

SILVA FILHO, Penildon. Bibliotecas escolares, letramento e regime de colaboração. In: MAR de histórias: programa de bibliotecas escolares. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. p. 4-6.

SOUTO, Leonardo Fernandes (Org.). **O profissional da informação em tempo de mudanças**. Campinas: Alínea, 2005.

SOUZA, Francisco das Chagas de. **Biblioteconomia, educação e sociedade**. Florianópolis: UFSC, 1993.

TARGINO, Maria das Graças. **Conceito de biblioteca**. Brasília: ABDF, 1984.

TAVARES, Denise Fernandes. **A biblioteca escolar: conceituação, organização e funcionamento. Orientação do leitor e do professor**. São Paulo: LISA; Brasília: INL, 1973.

VECTORE, Célia; KISHIMOTO, Tizuko M. Por trás do imaginário infantil: explorando a brinquedoteca. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 5, n. 2, p. 59-65, dez. 2001. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572001000200007&lng=en&nrm=iso)

[85572001000200007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572001000200007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 29 out. 2016.

## APÊNDICE A – Autorização da pesquisa

### UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Prezado Sr. Diretor

Venho, por meio desta, solicitar vossa autorização para a realização da pesquisa provisoriamente intitulada como “*Estudo das habilidades informacionais dos usuários da Biblioteca do Colégio Dom Bosco de Porto Alegre*”, que é parte requerida para conclusão de minha graduação no curso de Biblioteconomia.

Para o desenvolvimento desta pesquisa será realizada uma entrevista na biblioteca com alunos do 1º ano do ensino fundamental, a serem definidas em conjunto com a professora, mediante o consentimento dos pais.

A pesquisa é de minha responsabilidade, sob a orientação da Profª. Drª. Ana Maria Mielniczuk de Moura e coorientação da Bibliotecária mestranda Daiane Barrili dos Santos.

Fico à disposição para o esclarecimento de dúvidas.

Tatiane Branchelli Rosa  
e-mail: tatibranchelli@gmail.com  
celular:

---

P. Marcos Sandrini

Porto Alegre, 05 de setembro de 2016.

## APÊNDICE B – Termo de consentimento

### UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Prezado (a) Sr. (a)

Venho, por meio desta, solicitar vosso consentimento para a participação de seu (a) filho (a) na realização da pesquisa provisoriamente intitulada como “*Estudo das habilidades informacionais dos usuários da Biblioteca do Colégio Dom Bosco de Porto Alegre*”, que é parte requerida para conclusão de minha graduação no curso de Biblioteconomia.

Para o desenvolvimento desta pesquisa será realizada uma entrevista na biblioteca com alunos do 1º ano do ensino fundamental. A entrevista será gravada para garantir sua análise aprofundada. Após a análise a gravação será descartada. Nenhuma criança será identificada.

A pesquisa é de minha responsabilidade, sob a orientação da Profª. Drª. Ana Maria Mielniczuk de Moura e coorientação da Bibliotecária mestranda Daiane Barrili dos Santos.

Fico à disposição para o esclarecimento de dúvidas.

Tatiane Branchelli Rosa  
e-mail: [tatibranchelli@gmail.com](mailto:tatibranchelli@gmail.com)  
celular:

Porto Alegre, 05 de setembro de 2016.

## TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que autorizo a participação de \_\_\_\_\_, meu (minha) filho (a), na pesquisa “*Estudo das habilidades informacionais dos usuários da Biblioteca do Colégio Dom Bosco de Porto Alegre*”, realizada por Tatiane Branchelli Rosa, graduanda em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Maria Mielniczuk de Moura e coorientação da Bibliotecária mestranda Daiane Barrili dos Santos.

Declaro ter ciência de que meu (minha) filho (a) será observado e gravado, e os resultados serão utilizados apenas para fins de pesquisa, sendo as gravações posteriormente deletadas. Autorizo a divulgação dos resultados da análise em conjunto.

---

Assinatura do Responsável

Porto Alegre, \_\_\_\_ de setembro de 2016.

## APÊNDICE C – Grupo focal

### HABILIDADES DE LOCALIZAÇÃO

#### 1. Arranjo da coleção

- a) o que você diria que é a biblioteca?
- b) os livros ficam guardados em qualquer lugar?
- c) como você encontra na estante o livrinho que quer ler?
- d) você tem cuidados com os livrinhos que leva para casa?

### HABILIDADES DE INTERPRETAÇÃO

#### 1. Técnicas de avaliação e seleção

- a) de quem são os livros da biblioteca?
- b) você pode levar para casa qualquer livrinho?
- c) além de você e dos seus coleguinhas, quem pode levar livros para casa?

#### 2. Ver, ouvir e interagir

- d) que tipos de livros você já viu na biblioteca?
- e) o que acontece se você atrasar a devolução de algum livro?
- f) o que você gostaria de fazer na biblioteca mas não pode?

#### 3. Apreciação literária

- a) dos livrinhos que já leu, qual o preferido?
- b) e qual seu personagem preferido?

## ANEXO A – Plano anual de letramento

### PLANEJAMENTO ANUAL 1º ANO (x) 1º SEMESTRE ( ) 2º SEMESTRE ANO: 2016

CONTEÚDOS	CONHECIMENTOS	HABILIDADES	ESTRATÉGIAS
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Linguagem e interação.</li> <li>• Conhecimento do código linguístico da alfabetização.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Processos orais de interlocução.</li> <li>- Gêneros textuais.</li> <li>- Símbolos e letras.</li> <li>- Alfabeto</li> <li>- A distinção entre vogais e consoantes.</li> <li>- Junção das vogais e consoantes relação grafema-fonema.</li> <li>- Alinhamento e direcionamento da escrita.</li> <li>- Uso de pontuação: ponto final e de interrogação.</li> <li>- Rimas, aliterações e assonância.</li> <li>- Ordem alfabética.</li> <li>- Gêneros textuais: poemas e prosas.</li> <li>- Estudo das palavras partindo de elementos significativos das histórias.</li> <li>- O alfabeto como fonte de formação de novas palavras.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar as diferenças entre letras, números, desenhos e outros sinais gráficos.</li> <li>• Reconhecer as diferentes letras do alfabeto assim como o seu som.</li> <li>• Identificar no alfabeto vogais e consoantes.</li> <li>• Reconhecer as letras do alfabeto a partir do nome próprio e de situações do cotidiano.</li> <li>• Compreender que a escrita, em geral, se orienta da esquerda para a direita e de cima para baixo, mas que isso pode variar dependendo do gênero textual e do meio de circulação.</li> <li>• Escutar e interpretar textos orais.</li> <li>• Compreender que as frases são delimitadas por sinais de pontuação.</li> <li>• Ler, observando a relação entre a sonoridade e a escrita.</li> <li>• Reconhecer unidades fonológicas, como sílabas, rimas, terminações de palavras e fonemas.</li> <li>• Comparar palavras quanto ao número de sílabas.</li> <li>• Identificar e construir rimas e aliterações.</li> <li>• Desenvolver processos de escrita da autoria das crianças, desenvolver mediação de leitura com foco na formação do leitor.</li> <li>• Comunicar-se oralmente com colegas e adultos de forma clara e organizada.</li> <li>• Ler, em voz alta textos.</li> <li>• Utilizar corretamente o traçado da letra bastão.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Momentos de conversa;</li> <li>* Hora do conto;</li> <li>* Jogos;</li> <li>* Brincadeiras;</li> <li>* Folhas padronizadas;</li> <li>* Dinâmicas de integração;</li> <li>* Dobraduras;</li> <li>* Recorte e colagem;</li> <li>* Desenhos livres e com diferentes propostas;</li> <li>* Confeção de crachás e outras formas de identificação;</li> <li>* Explosões de ideias;</li> <li>* Explorações dos traçados das letras;</li> <li>* Leitura, compreensão e interpretação de diferentes portadores de texto</li> <li>* Pesquisas de diferentes propostas;</li> <li>* Atividades em grupo;</li> <li>* Exploração das letras de músicas;</li> <li>* Indicações de atributos para que os elementos do grupo sejam diferenciados dos demais;</li> <li>* Correspondências entre nome e imagem;</li> <li>* Diferentes formas de registro, seguindo ordem temporal e lógica;</li> <li>* Confeção de portadores de texto, como murais, e livrinhos.</li> </ul>

## PLANEJAMENTO ANUAL 1º ANO ( ) 1º SEMESTRE (x) 2º SEMESTRE ANO: 2016

CONTEÚDOS	CONHECIMENTOS	HABILIDADES	ESTRATÉGIAS
<ul style="list-style-type: none"> <li>•Linguagem e interação da oralidade e escrita.</li> <li>•Conhecimento do código linguístico da alfabetização.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Regularidades ortográficas.</li> <li>-Correspondências regulares diretas: p,b,t,d,f,v.</li> <li>-Gêneros textuais: trava-línguas, adivinhas, poemas, rótulos, receita, bilhete e notícias.</li> <li>-Parlendas e haicais.</li> <li>-Produção de frases pequenos textos.</li> <li>-A estrutura do texto instrucional e sua utilidade como fonte de informação;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Reconhecer unidades fonológicas, como sílabas, rimas, terminações de palavras e fonemas.</li> <li>•Distinguir texto em verso de texto em prosa.</li> <li>•Compreender a escrita a leitura nas cantigas de roda, parlendas e adivinhas.</li> <li>•Identificar os usos de p, b, t, d, f, v.</li> <li>•Identificar como ocorrem as rimas e produzi-las.</li> <li>•Produzir pequenos textos de diferentes gêneros textuais.</li> <li>•Identificar o emissor e destinatário das mensagens.</li> <li>•Favorecer experiências de leitura.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>*Momentos de conversa;</li> <li>* Hora do conto;</li> <li>* Jogos;</li> <li>* Brincadeiras;</li> <li>* Folhas de atividades</li> <li>* Dinâmicas de integração</li> <li>* Dobraduras;</li> <li>* Recorte e colagem;</li> <li>* Desenhos livres e com diferentes propostas;</li> <li>* Explosões de ideias;</li> <li>* Explorações dos traçados das letras;</li> <li>* Leitura, compreensão e interpretação de diferentes portadores de texto;</li> <li>* Pesquisas de diferentes propostas;</li> <li>* Atividades e apresentações em grupo;</li> <li>* Exploração de frases ditas por personagens conhecidos;</li> <li>* Indicações de atributos para que os elementos do grupo sejam diferenciados dos demais;</li> <li>* Correspondências entre nome e imagem;</li> <li>* Diferentes formas de registro, seguindo ordem temporal e lógica;</li> <li>*Discriminação de elementos diferentes em determinadas listas;</li> <li>* Produção textual;</li> <li>* Técnicas de ditados;</li> <li>* Caças- palavras;</li> <li>*Confecção de isogravuras e convites.</li> </ul>



## ANEXO B – Exemplo de planejamento semanal



1ºs Anos SEMANA 26: 8 à 12 de agosto



Data	Disciplina	Conhecimentos abordados	EDEBÊ
<b>15/08</b> <b>2º-</b> <b>feira</b>	Expressão oral  Linguagem escrita  Artes  Interpretação oral	Oração e rotina  Livro Matemática - Olimpíadas  Recreio e lanche  Metodologia Científica  Hora do conto: Quero casa com Janela  Interpretação oral  Acróstico da palavra JANELA – palavras relacionadas a  História ao ambiente em que aconteceu.  Recorte de uma janela – Dentro palavras com JÁ  Folha de atividades – 2 frases para ordenar e desenhar	Livro de Matemática  Pág.201 à 215
<b>16/08</b> <b>3º-</b> <b>feira</b>	Linguagem oral e escrita  Raciocínio lógico matemático	Oração e rotina  Livro de Português  Recreio e lanche  Aula de Inglês  Folha: Caça palavras.  Estudo das palavras da folha  Cálculos de adição	Livro de Português
<b>17/08</b> <b>4º-</b> <b>feira</b>	Expressão oral  Linguagem escrita	Oração e rotina  Ordenar frases com desenho  Música  Recreio - Lanche  Folha de atividade  Educação Física	

<p><b>18/08</b> <b>5°- feira</b></p>	<p>Linguagem oral e escrita</p> <p>Raciocínio lógico</p>	<p>Oração e rotina</p> <p>Inglês</p> <p>Livro de matemática</p> <p>Recreio e lanche</p> <p>Folha, monta palavras e cria uma frase.</p> <p>Quantificação usando o material dourado.</p>	<p>Livro de Matemática</p> <p>Pág. 215 à 225</p>
<p><b>19/08</b> <b>6°- feira</b></p>	<p>Expressão oral</p> <p>Linguagem escrita</p>	<p>Oração e rotina</p> <p>Informática</p> <p>Folha de atividade</p> <p>Lanche/recreio.</p> <p>Praça</p> <p>Livro de Português</p>	